

LEITURAS ESCOLARES

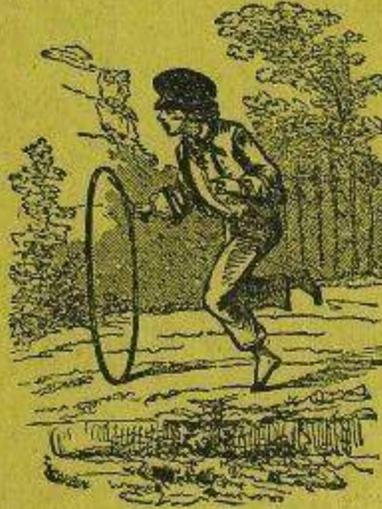
BRAZILEIRAS

COLLIGIDAS POR

F. ADOLPHO COELHO

PRIMEIRA SERIE

TRECHOS VARIADOS

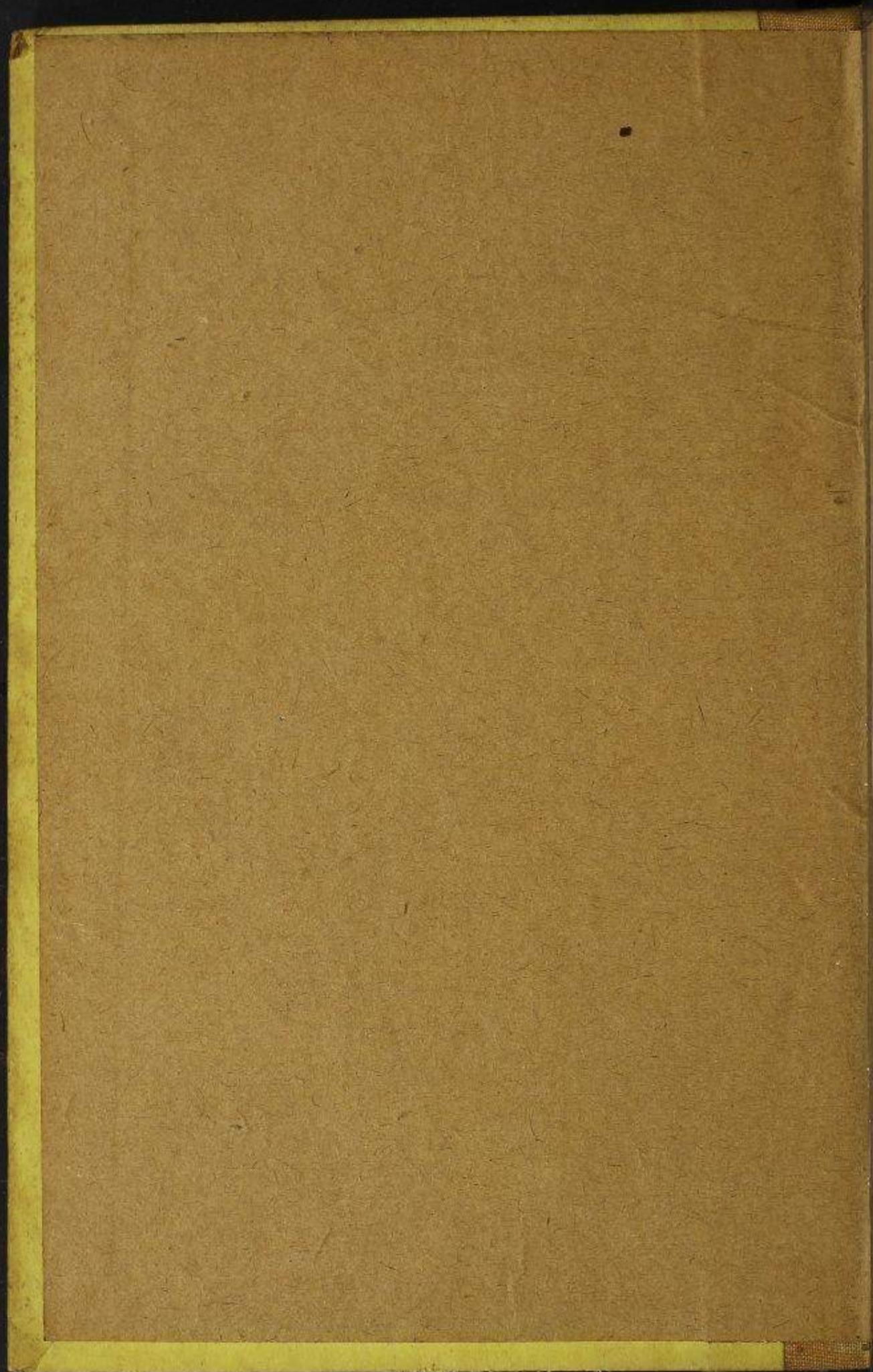


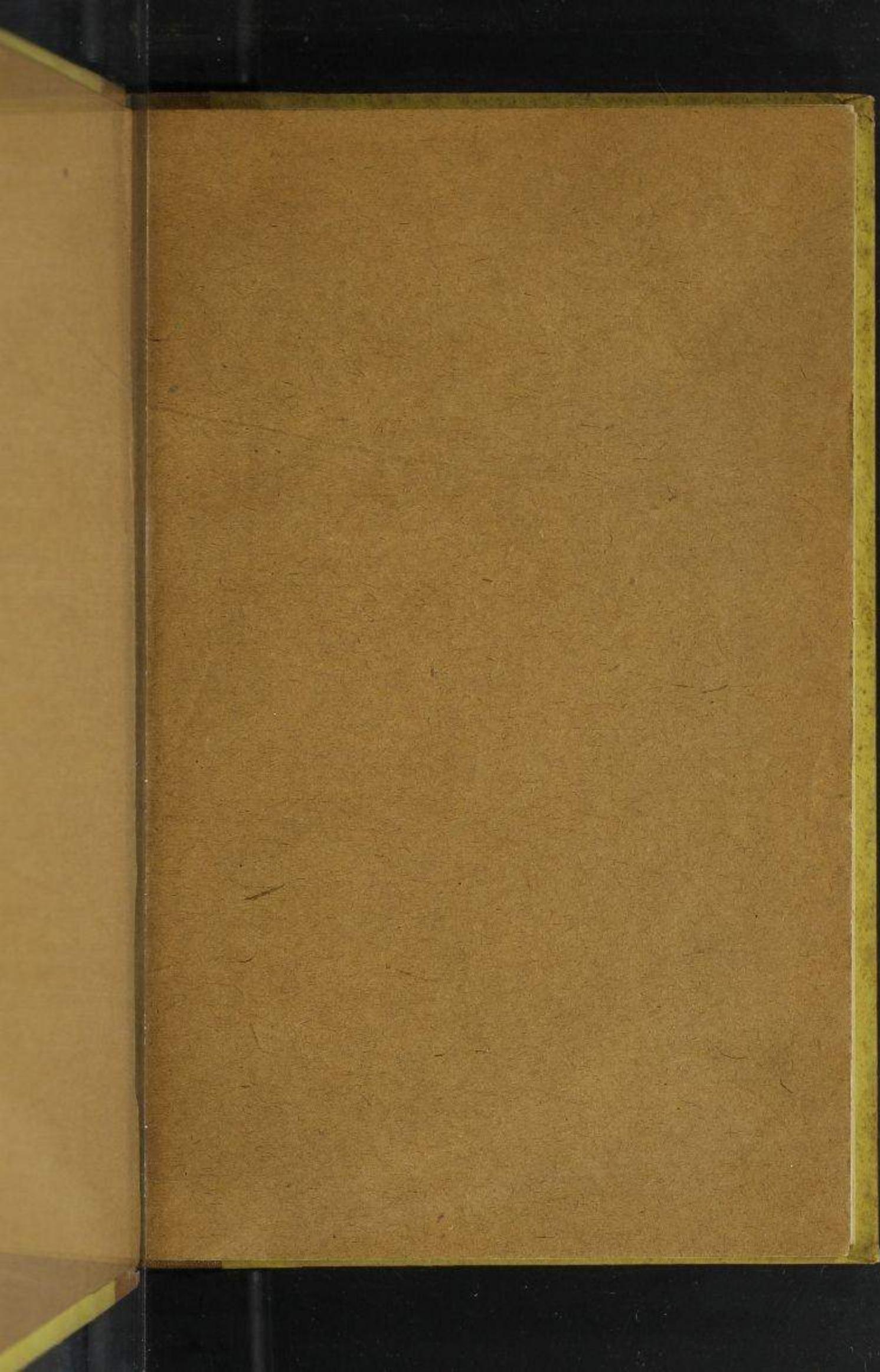
S. PAULO

TEIXEIRA & IRMÃO—EDITORES

65, RUA DE S. BENTO, 65

1889





BRAZIL

F. ADLPHO

BRASIL

TRADUÇÃO



BRASIL

*De Ca. "por Silva Bravo
dignissimo e illustre redactor
d' "O Commercio do Porto"*

BRAZILEIRAS

COLLIGIDAS POR

ff.
o editor
F. ADOLPHO COELHO

PRIMEIRA SERIE

TRECHOS VARIADOS



S. PAULO
TEIXEIRA & IRMÃO—EDITORES

65, RUA DE S. BENTO, 65

1889

4
2-268

Typographia da Empresa Litteraria e Typographica
Rua de D. Pedro, 184—Porto

ADVERTENCIA

Convidados pelos zelosos editores snrs. Teixeira & Irmão, estabelecidos em S. Paulo (Brazil), para organizar uma collecção de livros de leitura destinados ás escolas primarias do grande imperio sul-americano, hesitei muitos mezes em dar começo á tarefa, já por estar occupado noutros trabalhos, já por conhecer theorica e praticamente a difficuldade d'organisar livros para as escolas elementares.

A Inglaterra e a Allemanha teem escriptores da infancia que permitem escolha facil de trechos excellentes para leituras escolares. Em lingua portugueza ha muito pouco nesse genero que aproveitar. Os poetas principalmente são em regra inacessiveis ás creanças. Apenas os fabulistas ministram algumas composições em estylo simples e de entrecho intelligivel; todavia ainda d'esses é mister tomar algumas que não são inteiramente irreprehensiveis no ponto de vista de

que se trata, já pelo assumpto e exposição, já pelo emprego de termos eruditos ou pouco usados.

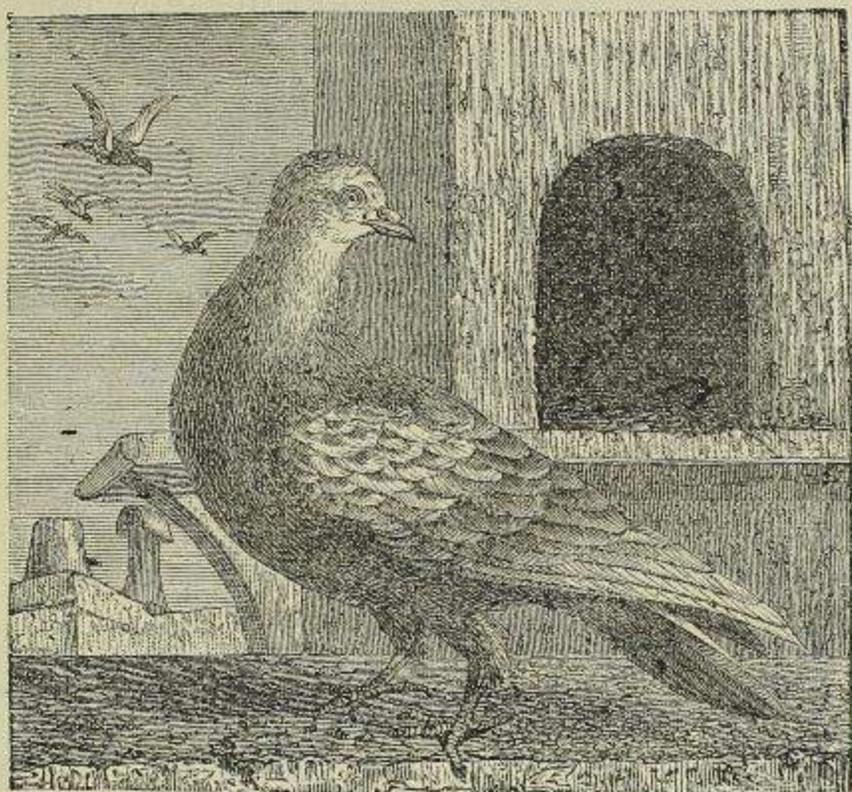
Se escolhesse só o que reunisse todas as condições desejadas para o fim que me proponho, o elemento poetico ficaria extremamente reduzido. Com relação aos textos em prosa são pela maior parte traducções ou reduções, em que procurei ser simples e accessivel ás intelligencias que se formam.

O plano d'esta primeira serie, assim como o das seguintes, foi determinado depois d'um exame detido de numerosos livros de leitura, taes como os brasileiros de Hilario Ribeiro, João Köpke, dr. Cesar Borges, Pereira de Carvalho; os portuguezes de Achilles Monteverde, Cardoso de Figueiredo, Simões Raposo, Simões Lopes, João de Deus, João Diniz, Amaral Cirne, Peixoto do Amaral, Alfredo Leão, Vilhena Barbosa, Caldas Aulete, padre Amado, Moreira de Sá; os inglezes da collecção Chamber e Laurie; os francezes de Pape-Carpentier, Parent, Lebrun, Jost, Saffray; os allemães de Bock, Techner, Gottlob, Auras e Gnerlich e o de A. Vogel.

A critica imparcial dirá se o resultado vale a pena que me dei.

Um glossario no fim d'este volume explica os termos menos usados dos textos nelle contidos.

LEITURAS ESCOLARES BRAZILEIRAS



O QUE APRENDEM ALGUNS ANIMAES

O pombo aprende a voar,
O esquilo aprende a saltar,
O lobo aprende a uiyar,
A ovelha aprende a balar,

O boi aprende a mugir,
A abelha aprende a zumbir,
O porco aprende a grunhir,
O rato aprende a fugir,
O gallo aprende a cantar,
O ganso aprende a nadar,
O papagaio a palrar
A raposa a regougar.

O MACACO IMPRUDENTE

Um macaco viu o dono estar-se barbeando a um espelho.

Esperou a occasião de sair o dono e tirou a navalha do estojo em que elle a guardara.

Poz-se ao espelho e — zás deu um fundo golpe no focinho.

Largou a navalha aterrado e deitou a fugir gritando.

Ninguem deve metter-se a fazer aquillo de que não entende.

RIMAS INFANTIS

GYMNASTICA DE LINGUA

Por aquella serra acima
Vinte e cinco cegos vão;
Cada cego tem seu moço,
Cada moço tem seu cão;
O cego dá pão ao moço,
O moço dá pão ao cão.

Palra, palra, pardal, palra,
Palra tu, qu'eu palrarei;
Palra, palra, pardal, palra,
Qu'eu sou palrador d'el-rei.

Esta casa está ladrilhada,
Quem a desaladrilhará?
O desaladrilhador
Que a desaladrilhar
Bom desaladrilhador será!



O JOGO DO ARCO

O jogo do arco foi estimado dos meninos desde tempos remotos.

O arco para esse jogo, como se vende nas lojas de brinquedos, é quasi sempre formado de tres ou quatro peças circulares de madeira, unidas e pregadas umas ás outras.

Os meninos devem escolher para brincar com elle um terreno liso, embora com alguns pequenos declives, onde possam correr á vontade.

Imprime-se ao arco movimento para a frente e corre-se atraz d'elle, batingo-lhe frequentes vezes com uma varinha que se leva na mão, para que o movimento não cesse.

A OVELHA E O LOBO

Lá no campo uma ovelhinha
Jaz dormindo descansada;
Chega um lobo cubiçoso:
Ella vae ser devorada.

Porém o cão vigilante
Ladra, ladra a bom ladrar;
O lobo, todo assustado,
Foge, foge sem parar.



A RÃ

Ha quem creia que a rã é a femêa do sapo!

E todavia que differença entre esse animal de movimentos pesados, d'as-

pecto asqueroso e a rã que a natureza creou leve e com certa elegancia!

O sapo arrasta-se na immundicie, e vive em buracos dos rochedos, ou debaixo de pedras, foge da luz, é de côr baça e feia.

A rã vive nos tanques, nas lagôas, passeia nos prados que rodeiam a sua habitação aquatica, para onde salta ligeira ao ouvir qualquer ruido inquietador.

A rã tem focinho pontudo, uma fileira de dentes muito pequenos no queixo superior, as pernas de trás relativamente muito compridas, terminando em pés espalmados.

A lingua é grossa, a boca muito fendida.

A pelle é ás vezes lisa, mas em geral apresenta saliencias de diversas formas.

A rã caminha dando pequenos sal-

tos, que se seguem rapidamente uns aos outros.

O macho tem no fundo da boca como dois sacos, chamados sacos vocaes, que se dilatam quando grita.

O grito da rã é chamado «coaxar» ou «grasnar».

Esse animal vive d'insectos aquaticos, de vermes, de pequenos molluscos, e escolhe sempre presa viva.

A rã póde servir d'alimento, sendo muito estimada como tal por alguns povos. Convem aos estomagos delicados, aos convalescentes.

Os fabulistas teem considerado algumas vezes a rã como um animal vaidoso.

AS RÃS CANTORAS *

No fundo d'um tanque viviam algumas familias de rãs.

Era numa montanha. Veiu o inverno gelou-se a agua do tanque e as rãs ficaram presas.

Então disseram algumas d'ellas:

— «Quando voltar a primavera e a agua degelar, vamos lá para fóra; subimos para cima das arvores e havemos de cantar, cantar que nem os sabiás e os rouxinoes nos desbanquem.»

Voltou a primavera, degelou a agua; as rãs saltaram para o prado, mas não treparam ás arvores, porque não puderam e contentaram-se com ficar no chão, coaxando, coaxando sempre como rãs, embora convencidas de cantarem melhor que sabiás e rouxinoes.

* Livrementemente de Goethe.

A RÃ E O BOI *

Num prado uma rã
Um boi contemplou
E ser maior que elle
Vaidosa intentou.

A pelle enrugada
Inchando alargou
E ás leves irmãs
Assim perguntou:

— «Maior que o boi
O' manas, já sou?»

— «Não és,» lhe disseram,
E a rã lhe tornou:

* De Pimentel Maldonado.

— «E agora inda não?»
E mais inda inchou.
Eis logo de todas
Um «Não» escutou.

Inchar-se vaidosa
De novo buscou,
Mas dando um estoiro
A vida acabou.

Tambem, se em grandeza
Vencer procurou
O pobre ao potente,
Por força estoirou.

O VELHO AVÔ E O NETO *

Era uma vez um velho, muito velho, que tinha a vista turva, os ouvidos surdos e as pernas e braços tremulos.

* Dos *Contos infantis* dos irmãos Grimm.

Quando se sentava á mesa, mal podia segurar a colher, entornava a sopa pela toalha e deixava-a até cair da boca.

O filho e a nora do velho tinham nojo de tal coisa e por isso resolveram pôr o velho a um canto da cozinha.

Alli lhe davam a comida num pratito de barro e nunca lh'o davam bem cheio.

O velho olhava triste para a mesa e os olhos arrasavam-se-lhe de lagrimas.

Uma vez as suas mãos não puderam segurar o pratito, que cahiu no chão e se quebrou.

A nora ralhou, mas o velho não disse nada e suspirou. Ella comprou um pratito de madeira por alguns reaes, para o velho comer d'elle.

Quando estavam sentados, o velho ao canto, o filho e a mulher d'este

á mesa, o netosito de quatro annos poz-se a juntar no chão uns bocados de madeira.

— «Que fazes tu?» perguntou o pae.

— «Faço uma piazinha,» respondeu a creança, «para o pae e a mãe comerem d'ella quando eu fôr homem».

O homem e a mulher olharam um para o outro um momento e começaram a chorar.

Depois foram buscar o velho e levaram-no para a mesa, aonde continuou a comer d'alli em diante, sem que elles nada dissessem quando o avô do menino tremia e entornava a sopa.

O PAPAGAIO

Que menino haverá que não conheça o papagaio, a ave palradora por excellencia?

O papagaio é uma ave trepadora, dotada pela natureza d'um bico grosso, duro, solido, arredondado, que o auxilia nos seus passeios pelas arvores.

A sua marcha é pesada, lenta, difficil, por isso prefere viver nas arvores.

Ha diferentes especies de papagaios, que habitam todos os paizes mais quentes do globo. Na Europa só se encontram os que levam para lá das outras partes do mundo.

A maior parte, e sobretudo os machos, apresentam côres brilhantes,

entre as quaes dominam o vermelho, o azul, o amarello e principalmente o verde.

- Os papagaios imitam a voz humana, reproduzindo palavras e frases inteiras, ás vezes com o proprio tom com que as dizem as pessoas de quem as aprendem.

Riem, tossem, choram, miam como os gatos, assobiam e cantam.

Umás especies teem mais que outras esse dom d'imitação.

Mas o papagaio só palra: não falla, como prova pela incapacidade de combinar em frases novas as palavras aprendidas.

É por isso que se vêem alguns papagaios dizerem a si proprios:— «Dá cá o pé, papagaio» e apresentarem o proprio pé, como se alguém lhe dirigisse a frase.

O papagaio não tem pois conscien-

cia do que diz, embora chegue, como outros animaes, pelo habito, a praticar certos actos que se lhe ordenam por palavras.

Muitas historias da intelligencia d'esses animaes, que fariam suppôr que elles teem realmente falla e não imitam apenas servilmente o homem, devem ser olhadas como fabulas.

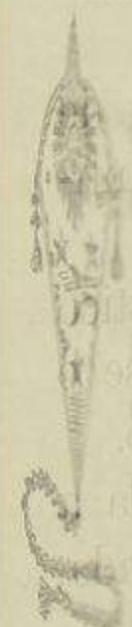
Se os papagaios tivessem o dom da falla, teriam creado uma linguagem sua propria.

Entretanto o papagaio é por muitas razões uma ave interessante.

É muito sociavel, muito facil de domesticar e capaz de affeições e antipathias.

Parece que no estado domestico pode viver até 80 annos; ignora-se o limite da sua vida no estado bravo.

O papagaio alimenta-se de toda a fructa dos paizes quentes e ainda,



quando domesticado, dos fructos dos outros paizes.

Busca particularmente os caroços que quebra, para com o bico tirar a amendoa.

Pretende-se que as amendoas amargas e a salsa matam essa ave.

Em cativeiro o papagaio come quasi de tudo; bebe agua e habitua-se até ao vinho.

O JOGO DO PAPAGAIO



O papagaio de papel é um divertimento bem conhecido das creanças.

Encontrou-se em paizes diversissimos, até na China, d'onde se pensa ser originario.

A sua fórmula, representada na gravura ao

lado, não dá ideia da ave do mesmo nome.



Em Portugal chama-se-lhe também estrella.

Os chinezes dão-lhe o nome de dragão, talvez porque desenham ou pintam nelle o animal fabuloso, especie de grande reptil com azas, e cabeça de leão, assim chamado.

Os francezes dão-lhe um nome que significa veado voador.

O PAPAGAIO E A PEGA *

Gentil papagaio
Loquaz, folgazão,
Atado vivia
Em aureo grilhão;
Saltava, dormia
Sem nada o inquietar.

* De Pimentel Maldonado.

Perguntas sem conta
Attento escutando,
Mil dons e agasalhos
Modesto acceitando,
A odios, a ralhos,
Não dava logar.

Notando taes ditos,
Malevola pega,
Vaidosa, palreira,
D'est'arte desprega
A voz chocalheira,
Que faz detestar:

— « Senhor papagaio,
Pois tanto é prendado,
Me diga o motivo,
A culpa o pecado,
Que o torna cativo?
Acaso é fallar?

Eu fallo tambem,
Mas quanto profiro
Tem sempre tal peso
Que a todos admiro:
Ah! diga está preso
Por muito galrar?»

O bom papagaio
Irado, offendido
Da insulsa arrogancia,
Em tom desabrido
Bradou:— «Que jactancia
Te faz delirar?»

Eu galro!... E tu roubas
A quem te sustenta,
Audaz, linguareira,
Immunda, avarenta:
Ah! vai-te, se inteira
Queres ficar.»

Quem mofa dos outros
Escarneos espere;
Quem justo não fôr
Disfarce tolere:
O escudo melhor
É vêr e calar.

O HOMEM DESCALÇO *

Era uma vez um homem, que tinha andado sempre calçado, até que tendo cahido em pobreza não poudé mais comprar sapatos.

Obrigado para ganhar a sua vida a sahir descalço, ia pela rua fóra encolerisado contra a sua sorte.

* Livremente de Lokmann.

Ao voltar a uma esquina foi de encontro a um homem de muletas.

Disse-lhe este: — «Vaes cego? Que furor te arrasta?»

— «Não vês», disse-lhe aquelle, «que vou descalço, o que me succede a primeira vez na minha vida?»

— «E por isso te enfureces?» disse-lhe o outro. «Olha para mim. Não vês que não tenho pés e apesar d'isso me contento com a sorte por ter pernas e poder andar de muletas?»

O homem descalço cahiu em si e deu-se por feliz com a sorte que lhe deixava os pés.



O AVESTRUZ

O avestruz (diz-se tambem a avestruz) é uma grande ave, a maior das que hoje vivem.

As suas azas são curtas, o que torna impossivel o seu vôo; todavia servem-lhe de muito auxilio para apressar a marcha.

Essas azas, assim como a cauda, apresentam pennas molles e flexiveis, que são tidas em grande estimação para enfeite.

O bico do avestruz é deprimido horisontalmente; os olhos são grandes e as pernas muito altas.

O avestruz chega a ter dois metros e mais de altura e a pesar quarenta kilogrammas. É a unica ave que urina.

Ha duas especies de avestruzes — a do antigo continente, que se encontra na Africa e na Arabia, e a da America.

A gravura representa a especie da Africa.

Os avestruzes da Africa vivem em bandos e sustentam-se de hervas e de grãos; mas a sua voracidade é tal que engolem pedras, pregos, bocados de arame, se os encontram.

O homem chega a domesticar o

avestruz e a servir-se d'elle como de uma cavalgadura.

O avestruz da America não chega a ter mais de cerca de metade do tamanho do africano.

Tem pennas menos bellas, uniformemente pardas, que servem apenas para espanejadores ou vassoiras.

Corre e nada com rapidez e vive menos em bandos que o d'Africa.

O AVESTRUZ *

— «Olhem! Olhem! vou voar!»
Gritava o avestruz immenso,
E em torno d'elle mui denso
Concurso de aves está,
Para ver se voara,
Para terra o ver largar.

* Traduzido de Lessing por Henrique O'Neill. Extracto.

— «Olhem! olhem! vou voar!»

Repetiu o passarão:

E lá vae de vento em popa,
Qual a nau com toda a roupa,
D'aza aberta, que não poupa,
Sem tirar os pés do chão.

O CAVALLO ROUBADO

Uma noite roubaram a um lavrador o mais bello cavallo que elle possuia.

Poucos dias depois esse lavrador foi a uma feira que havia na cidade mais proxima do lugar em que vivia.

Alli viu um desconhecido offerecer-lhe para compra o cavallo que lhe tinham roubado.

O lavrador tomou o animal pela redea e gritou: — «Aqui está o cavallo que me roubaram a semana passada.»

O desconhecido disse socegadamen-

te: — «O senhor está muito enganado. Este cavallo pertence-me, seja embora muito parecido com o seu.»

O lavrador tapou então os olhos ao cavallo e disse: — «Se o cavallo é seu, diga-me de que olho é elle cego.»

O desconhecido respondeu de pronto: — «Do olho esquerdo.»

Então o lavrador descobriu os olhos do cavallo e disse muito alto: — «Agora está claro que tu és um ladrão e um mentiroso; vê, o cavallo não é cego de nenhum olho.»

As pessoas que estavam em rodariram e disseram: — «Está apanhado.»

O ladrão foi preso e castigado.

O BURRO COM O LEÃO *

Quando o leão achou graça
Ao burro, que lhe serviu
De boa trompa de caça;
Outro burro, que este viu,
Zurrou: — «Bons dias, irmão!»

— «Isso não»

Retruca o burro,

Dando um zurro

De desdem.

— «Ai que graça que elle tem!

Faz-me rir

Mesmo a cahir,»

O outro lhe respondeu,

«Imagina o toleirão

Que, porque vai com o leão

É menos burro do que eu!»

* Traduzido de Lessing, por Henrique O'Neill.

O leão fôra caçar com o burro, para que este zur-
rando lhe levantasse a caça.



A CABRA CEGA

Qual será o menino que não conheça o divertido jogo da cabra cega, tão útil para aprender a orientar-se nas trevas, para desenvolver o tacto, a firmeza das pernas?

E' um jogo muito antigo, usado por muitos povos, e cuja origem é desconhecida.

Inventou-se todavia uma historia para o explicar.

Conta-se que um celebre guerreiro commandou as tropas d'um rei de França, chamado Roberto, contra um conde flamengo, e com tal denodo que poz em debandada o exercito do inimigo d'esse rei.

Mas no meio da batalha uma frecha feriu no rosto o valente general e fez-lhe perder a vista.

Todavia elle, sem perder a coragem, fez-se guiar pelos seus escudeiros e continuou batendo os inimigos com a arma terrivel que manejava e que era uma especie de malho, até que caiu no campo da batalha.

O rei Roberto quiz honrar a memoria do seu defensor, instituindo um jogo militar, em que um guerreiro com os olhos tapados se batia contra todos os que queriam entrar na lucta.

O MENINO ENVERGONHADO *

Um menino rico da cidade passeava num dia de primavera num logarejo da circumvizinhança.

Como sentisse appetite, comprou uma tijela de leite e um pão e sentou-se debaixo d'uma arvore a comer o pão molhado no leite.

Um pobre rapazinho da aldeia, esfaimado e roto, appareceu perto da arvore olhando com tristeza para o menino rico, sem se atrever a pedir-lhe alguma coisa.

O menino da cidade pensou que daria alegria ao pobresinho repartindo com elle o leite e o pão; mas o appetite que tinha desviou-o d'esse bom sentimento.

* De Christoph von Schmid.

Depois de ter devorado o leite e o pão viu no fundo da tijela uma rima.

Leu-a e, cheio de vergonha, comprou logo nova tijelada de leite e novo pão.

Chamou o pobresinho com palavras amicaes e deu-lhe aquella refeição, por que o infeliz não esperava.

A rima da tijela continha as seguintes palavras:

Aquelle que o pobre esquece
Saciar-se não merece.

O VELHO, O RAPAZ E O BURRO*

O mundo ralha de tudo,
Tenha ou não tenha razão :
Quero contar uma historia
Em prova d'esta asserção.

* De Curvo Semedo.

Partia um velho camponio
Do seu monte ao povoado;
Levava um neto, que tinha,
No seu burrinho montado;

Encontra uns homens que dizem:
— «Olha aquelle que tal é!
Montado o rapaz, que é forte,
E o velho tropego a pé!»

— «Tapemos a boca ao mundo,»
O velho disse, «rapaz,
Desce do burro, que eu monto,
E vem caminhando atrás.»

Monta-se, mas dizer ouve:
— «Que patetice tão rata!
O tamanhão de burrinho
E o pobre pequeno á pata.»

— «Eu me apeio,» diz prudente
O velho de boa fé,
«Vá o burro sem carrego,
E vamos ambos a pé.»

Apeia-se e outros lhes dizem:
— «Toleirões, calcando a lama!
De que serve o burrinho?
Dormem com elle na cama?»

— «Rapaz,» diz o bom do velho,
«Se de irmos a pé murmuram
Ambos no burro montemos,
A ver se inda nos censuram.»

Montam, mas ouvem de um lado:
— «Apeiem-se, almas de breu!
Querem matar o burrinho?
Aposto que não é seu.»

— «Vamos ao chão,» diz o velho,
«Já não sei que hei-de fazer!
O mundo está de tal sorte,
Que se não pode entender.»

E' máo, se monto no burro,
Se o rapaz monta, máo é,
Se ambos montamos é máo,
E é máo se vamos a pé!

De tudo me tem ralhado,
Agora que mais me resta?
Peguemos no burro ás costas,
Façamos inda mais esta.»

Pegam no burro: o bom velho
P'las mãos o ergue do chão,
Pega-lhe o rapaz pelas pernas,
E assim caminhando vão.

—«Olhem dois loucos varridos,»
Ouvem com grande susurro,
«Fazendo o mundo ás avessas,
Tornados burros do burro!»

O velho então pára, e exclama:
—«Do que observo me confundo!
Por mais que a gente se mate,
Nunca tapa a boca ao mundo.

Rapaz vamos como d'antes,
Sirvam-nos estas lições;
E' mais que tolo quem dá
Ao mundo satisfações.»



O PERU

O peru é originario da America do norte, onde é ainda muito vulgar no estado silvestre.

Affirmam os viajantes que alguns perús chegam a pesar vinte e quatro

kilogrammas, sendo todavia a sua carne tão delicada como a do faisão.

Os perús silvestres vivem da caça de toda a especie de animaes que podem vencer.

Quando um Perú encontra algum animal, que pela sua força possa resistir-lhe, solta certo grito para chamar os outros perús.

Esses correm, formam circulo em roda do animal accomettido, apertando-se bem para que o inimigo não lhes escape.

Quando o circulo está bem apertado, os perús cahem a fortes bicadas sobre o inimigo, que depressa fica extendido morto no campo.

Essa habilidade que o Perú mostra no combate com outros animaes desaparece quando é o homem que o caça.

Os caçadores levantam nos matos uma especie de gaiola de tres metros

de comprido, dezoito decímetros de largura e um metro de altura, feita de ramos de arvores.

D'um lado, no chão, abrem um buraco, em forma de barco, de trinta a quarenta centímetros de fundo.

Espalham muito milho no buraco e da parte de fora lançam também grãos em linhas, que de diversos pontos veem dar áquelle.

Os perús võem, com a cabeça abaixada para apanharem e comerem o milho; chegados ao buraco, passam para o interior da gaiola, sempre de cabeça baixa.

Quando entram em numero sufficiente para comer todo o grão espalhado na gaiola, levantam a cabeça, não veem já o buraco por onde entraram, e ficam apanhados vivos.

OS PEIXES CAROS *

Um homem rico convidára alguns dos seus amigos para irem passar um dia á sua quinta, promettendo-lhes lampreias para o jantar.

Serviram-se muitos pratos e veio por fim uma terrina, coberta, em que os convidados imaginaram viriam as taes lampreias.

Mas quando se levantou a tampa, viram-se na terrina, em vez de lampreias, algumas moedas d'ouro.

O dono da quinta disse: — Meus amigos, os peixes que lhes tinha promettido estão este anno muito caros. Cada lampreia custa uma libra.

«Lembrei-me de que no lugar está doente um pobre trabalhador e de que elle e os filhos padecem fome.

* De Chirstoph von Schmid.

«Com o dinheiro necessario para apresentar só o prato das lampreias podem viver sem miseria aquelles pobres meio anno.

«Se os meus amigos desejam comer os peixes estimados, fal-os-hei comprar e preparar em pouco tempo.

«Mas se preferem que o dinheiro seja dado á pobre familia, terão peixes muito saborosos, comquanto muito mais baratos.»

Todos os convidados approvaram a intenção do dono da casa e cada um d'elles poz na terrina mais uma peça d'ouro—e a pobre familia ficou durante um anno livre da miseria.

O PAVÃO, OS PERUS E O GATO*

FABULA

Um pavão empavesado,
Da cauda ostentando as côres,
Era o alvo dos louvores
Do povo em torno apinhado.
Dois perús, que tal notaram,
Não se julgando inf'riores,
Se enrufaram:
Mas d'elles ninguem fez caso.
Furiosos
Começam a pôr mais raso
Que o pó da terra.
O pavão:
— «Olha os pésinhos mimosos
Que elle tem! que perfeição!»
Diz um: — «E como elle berra
Quando pretende cantar!»

* De Henrique O'Neill.

Accrescenta o companheiro.
Era um nunca acabar
De epigrammas e dicterios.
— «Perús,» lhes gritou um gato,
Que estava, muito pacato,
Extendido ao soalheiro:
— «Perús! esses vituperios
Nascem só da vil inveja,
 Que forceja
 Por achar
Algo para criticar.
Os defeitos do pavão
Vejo aos de vocês
 Eguaes
A sua voz, os seus pés,
 Que os d'elles não
 Valem mais;
Mas as bellezas que tem
 Em
Perús vê-os alguema?
Invejosos
Animaes!

Se aqui vivem sustentados,
Não é por serem formosos;
Vocês só prestam... assados.
Acabem pois com a censura
E reconheçam que são
Do pavão
A triste caricatura.

AS ESPIGAS DE TRIGO *

Um lavrador percorria com seu filhinho os campos para ver se o trigo estava já maduro.

— «Meu pae», disse o rapazinho, «porque é que algumas espigas de trigo estão inclinadas para o chão, enquanto outras levantam alto a cabeça?»

«Estas que estão assim levantadas devem ser as melhores; enquanto as

* De Christoph von Schmid.

que estão pendentes por certo são as peores?»

O pae colheu um par de espigas de trigo e disse:

— «Vê, esta espiga que tão modesta se curvava, está cheia de grãos; mas esta, que levantava a cabeça com soberba, está vazia e chocha.»

A ARANHA

A aranha é um animal desprezado, perseguido, e muitas vezes receam-se d'ella; é todavia um notavel animal, que de alguma coisa serve neste mundo.

A aranha tem oito olhos, mais sem duvida que nós, mas muito menos que a mosca, em que os homens estudiosos da natureza descobriram muitos centos d'olhos: pois a aranha é apesar d'isso a inimiga victoriosa da mosca.

Quem não viu já como a aranha

extende a sua teia, verdadeira rede para caçar a mosca, que, tendo mais olhos, é todavia menos previdente, mais incauta?

Quão delicado é o fio que a aranha estende com rapidez, d'uma parede a outra, e em que ella parece folgar de balouçar-se!

Tem havido quem examinasse por miudo a aranha e seu fio e chegasse a descobrir que esse fio é composto de alguns seis milhares de fiozinhos de inconcebível finura.

A aranha tem no corpo seis glandulas, isto é, seis órgãos comparaveis áquelles de que em o nosso corpo sahem a saliva ou o suor.

De cada uma d'essas seis glandulas sahe um fio e como cada glandula tem uns mil orificios, cada um d'esses fios é já composto de mil fios.

As aranhas matam geralmente os

pequenos animaes que lhes servem de presa, envenenando-os com veneno produzido por as glandulas que teem na cabeça.

No Brazil ha uma aranha de corpo lanzudo, de seis a oito centimetros de comprimento, que é assás forte para atacar, não só os maiores insectos, mas até as aves-moscas e os pequenos reptis.

Essa aranha faz, debaixo da casca das arvores grandes ou entre as pedras, um tubo, cujo tecido fino e apertado é semelhante a musselina.

A ARANHA E A ANDORINHA

Quantas teias, paciente,
Fiado uma aranha tinha,
Outras tantas de repente
Lhe levava uma andorinha

* De Henrique O'Neill.

Em seu rapido voar.
Lá iam de moscas cheias
Pelo ar
Voando as teias
Da aranha, já
Meio-louca,
De fazer cruzes na boca.
Mais raivosa que prudente,
Decidiu teia fazer
Tão valente
Que pudesse
Té andorinhas prender.
Uma fortissima fez;
Mas por isso lhe acontece
O que previsto não tinha,
Foi morrer:
Teia e aranha d'esta vez
Tudo levou a andorinha.

Nunca te vás tu metter
Com inimigo valente
A lutar;

Não tendo forças eguaes
(Só se a honra te obrigar:)
Sê prudente.
Até vir a occasião
Em que possas tanto ou mais.
E' saber
Esp'rar,
E então
Assentar-lhe bem a mão:
E, se ella nunca vier
Não
Luctes, que lhe vais dar
O gaudio de te perder.

DICTADOS

Muitos guardam-se da mosca e come-os a aranha.

Quanto chupa a abelha, mel torna.
e quanto a aranha peçonha.

A FUNDA



A funda é hoje quasi exclusivamente um brinquedo de rapazes.

Pois foi já uma arma temível.

Chamavam-se fundibularios os que na guerra combatiam com fundas.

Atiravam não só pedras, mas projectis de chumbo a grandes distancias, e com tanta força que nem capacetes, nem escudos lhes resistiam.

Os habitantes das ilhas Baleares eram afamados nos tempos antigos como fundibularios.

Essas ilhas ficam na Europa, no mar Mediterraneo, perto da costa da Hispanha.

Conta a Biblia, o livro sagrado dos

christãos, que o pastor David matou a tiro de funda o gigante Goliath.

David mais tarde veio a ser rei e um dos mais celebres do povo d'Israel.

Em Portugal ainda hoje os homens do campo da provincia do Alemtejo se servem da funda como arma offensiva.

Alguns d'elles chegam a maneja-la com tanta habilidade que matam com as pedras, que com ella arremessam, as aves no vôo.

Faz-se uma funda com um pedaço de coiro do comprimento da mão e da largura de tres dedos, cortado em pontas nas duas extremidades.

A cada uma d'essas extremidades ata-se um cordel ou uma cordinha, de modo que as duas cordinhas fiquem eguaes.

Se se quer arremessar com a funda uma pedra, põe-se no meio do bocado de coiro e segurando com firmeza os

cordeis pelas extremidades livres imprime-se ao todo um movimento giratorio.

Larga-se subitamente um dos cordeis e a pedra é atirada a distancia mais ou menos consideravel.

E' preciso para usar d'esse brinquedo evitar que elle possa offender alguma pessoa ou algum animal innocente.

OS CÃES DOMESTICOS E O CÃO
MONTANHEZ

Affirma escritor antigo
Que lá num grande sertão
Tres cães perdidos na caça
Viram sósinho um cão.

Que este era cõr de azeviche,
Aquell'outros cõr de neve,
(Porque isto faz muito ao caso,)
Primeiro notar-se deve.

. De Bocage.

Nascera de lãs forrado
O tal cão e era montez:
Tinham pelo muito fino
E eram da cidade os tres.

Um d'elles, o mais disposto
A fazer qualquer aggravo,
Disse para o bom camponio:
— «Oh amigo, és nosso escravo.»

Ao som do termo afrontoso,
Que os ouvidos lhe offendeu,
O rustico alçou a orelha,
Rosnou e se enfureceu.

Queria lançar-se a elles;
Mas tinha ouvido uma vez:
— Nem Hercules contra dous,
E ainda menos contra tres. —

Emfim, co'um ar espantado,
Lhes disse o pobre lapuz:
— «Eu captivo! Porque crime?
Vós, senhores! Com que jus?»

O valentão já citado
Dá um pulo e de repente
Ao miseravel responde,
Arreganhando-lhe o dente:

— «O nosso jus é a força,
O teu delicto é a côr.»
De homens pretos e homens brancos
Cuido que falla este auctor.

O CÃO FIEL

Um negociante tinha um cão que era muito vigilante e fiel.

Uma certa vez voltava o negociante a cavallo d'uma feira, onde tinha recebido muito dinheiro.

Trazia o dinheiro numa maleta, atrás de si, segura por correias á sella.

O cão corria ao lado d'elle.

Pouco e pouco deslaçaram-se as correias que seguravam a maleta e esta cahiu ao chão, sem que o negociante dêsse por tal.

O cão todavia notou o caso e começou a ganir.

O negociante seguiu seu caminho, sem se voltar para traz.

Como o cão fosse ganindo e la-

* De W. Fix.

drando de cada vez mais alto, o dono bateu-lhe com o chicote,

Mas o fiel animal não se calou. Saltou ao cavallo e mordeu-lhe nos pés, para que não pudesse andar mais.

E com a agitação cobrira-se-lhe o focinho d'espuma.

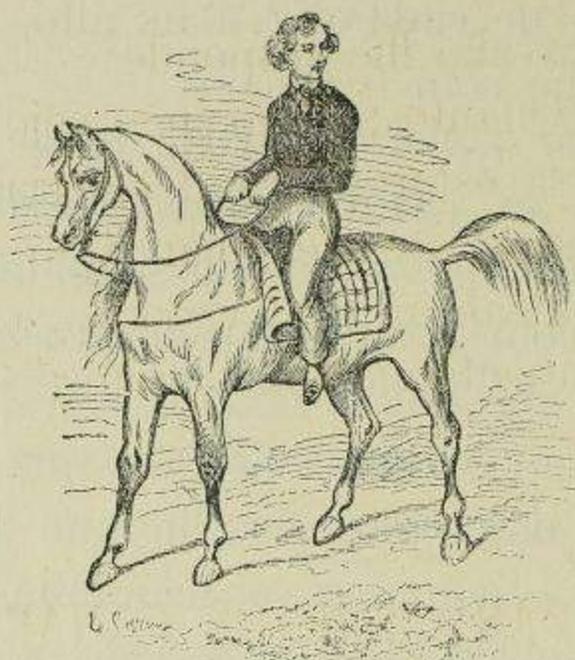
Então o dono pensou que o cão estava damnado; deu-lhe um tiro de pistola e seguiu o seu caminho.

Depois de ter percorrido mais uma parte da estrada, fez um movimento casual e deu pela falta da maleta.

Voltou para traz sem demora e viu pelo caminho espalhado o sangue do seu cão.

Finalmente chegou onde tinha caído a maleta.

Jazia alli o fiel animal ao pé da maleta: agitou a cauda, lambeu as mãos do dono e — morreu.



O CAVALLO E O TOIRO *

Um rapazito estouvado
Num bom cavallo brioso
Repimpado
Ia correndo animoso.
— «Que vergonha! disse um toiro;
Não é em mim que um caloiro
Picador verás montado;
Não terá essa vangloria.»

* Traduzido de Lessing por Henrique O'Neill.

O cavallo lhe responde:
—«Quanto a mim, não vejo onde
Possa estar a grande gloria,
Estar a grande pujança
De alcançar facil victoria
Desmontando uma creança.»

O PARDAL E OS CANARIOS *

Um pardal, que entre os pardaes
Por grão musico passava,
Que em chaminé ferrugenta
Continuamente chiava;

Em louvores enfunado,
De mór fama cubiçoso,
Num viveiro de canarios
Entrou ledo e presumpçoso.

* De Pimentel Maldonado.

Sacudindo as suas pennas,
Trinou famosa chiada,
Que os canarios applaudiram
Com solemne pateada.

Ao som do funebre encomio,
O ultimo pardal gritou:
— «Qu'insolencia! a mim taes vivas!
A tal cantor como eu sou!»

— «Seja embora (lhe respondem)
Quanto inculca, e muito mais;
Mas olhe, senhor pardal,
Qu'isso é lá entre pardaes.»

O MENINO AMANTE DA VERDADE *

Um pae deu a seu filho de dez
annos um machadinho, com que o me-
nino muito folgou.

Uma certa manhã vae o pae ao jar-

* De Karl Stoeber.

dim e vê por terra uma cerejeira em flor, a que tinham cortado o tronco pelo meio.

O pae enche-se de colera. Então corre para elle o filho, todo contente, de machadinha na mão.

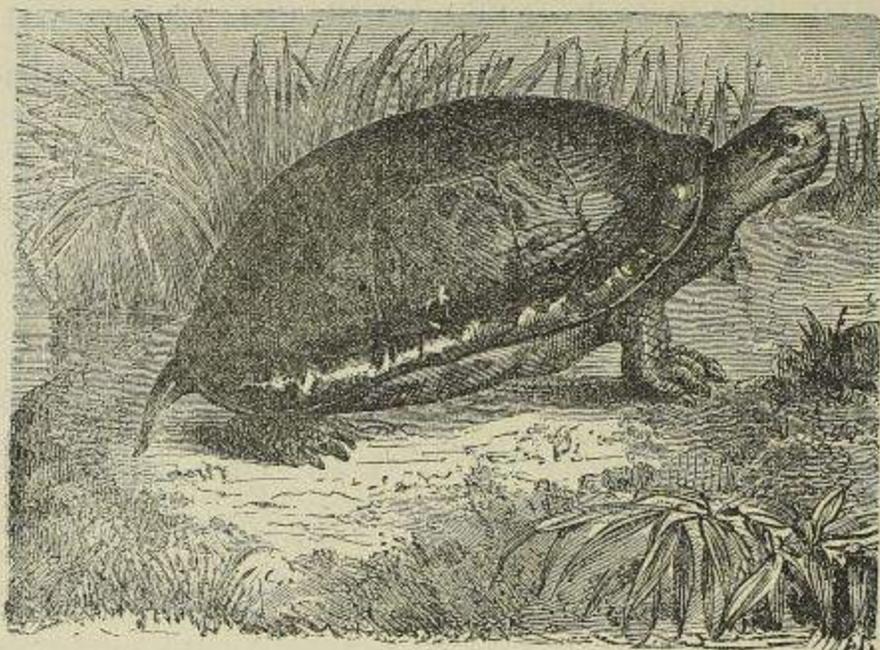
— «Quem fez isto?» perguntou o pae, apontando para a arvore partida.

O menino estremeceu; mas em breve tornou a ser senhor de si e disse com firmeza:

— «Meu pae, fui eu quem fez isso; não sou capaz de mentir.»

O pae abraçou-o com alegria, dizendo:

— Dou-me por feliz, pois tenho um filho que ama a verdade. Que me importa agora a arvore partida?»



A TARTARUGA *

A natureza foi mais ou menos favoravel para todos os animaes; a uns deu a belleza, a outros a força; a estes a grandeza ou armas mortiferas; áquelles a independencia ou a faculdade de nadarem ou de se elevarem nos ares.

Mas, expostos desde a nascença aos rigores do tempo, uns foram obrigados a abrir com trabalho retiros subterraneos e profun-

* De Lacépède.

dos; outros só teem por abrigo os antros tenebrosos das altas montanhas ou das vastas florestas.

Só as tartarugas teem de nascença uma especie de casa duradoura. Esse abrigo, capaz de resistir a grandes esforços, não está demais fixado em sitio certo; quando falta o alimento a esses animaes nos logares que preferem, não são obrigados a abandonar um tecto construido a custo, a perder o fructo de numerosos trabalhos, para irem edificar, talvez com maior difficuldade, uma habitação em margens extranhas: as tartarugas levam comsigo o domicilio que a natureza lhes deu, e diz-se com toda a verdade que ellas arrastam a propria casa, na qual estão tanto mais abrigadas, quanto ella não pode ser destruida pelos esforços dos outros animaes, seus inimigos.

A maior parte das tartarugas encolhem, quando querem, a cabeça, os pés e a cauda para dentro do envoltorio duro e osseo que as veste por cima e por baixo e cujas aberturas são assaz pequenas para tornarem impossivel ou difficil que por ellas penetrem as

garras das aves vorazes ou os dentes dos quadrupedes carnivoros.

As tartarugas tem quatro membros (pernas) bem desenvolvidas, a cabeça pequena, com boca sem dentes; os queixos são cobertos por um bico semelhante ao das aves; a cauda é curta.

Como as tartarugas só podem fazer poucos e vagarosos movimentos, comem em muito pequena quantidade; o seu alimento compõe-se já de vegetaes para umas, já de animaezinhos para outras.

Ha diversas especies de tartarugas; umas vivem na agua doce ou salgada, outras na terra.

O jabuti é uma especie terrestre do Brazil, cuja casca é abaulada.

O kagado é uma especie de tartaruga de agua doce.

O JABUTI E O GIGANTE (CAHIPORA)

(CONTO TUPI) *

O Jabuti chegou ao buraco do pé de uma arvore; estava tocando na sua fruta. Cahipora ouviu e disse:

— «Ninguem é aquelle senão o Jabuti. Eu vou apanhal-o».

Chegou á entrada do buraco da arvore. O Jabuti tocou na fruta:

Fin, fin, fin,
Culó, fom, fin.

Cahipora chamou: — «O' Jabuti!»

O Jabuti respondeu — «Uh!»

— «Vem Jabuti! Vamos experimentar as nossas forças!»

O Jabuti retorquiu: — «Vamos, experimentemol-as, como tu quizeres.»

* Do *Selvagem* do dr. Couto de Magalhães. O final do conto é obscuro. Jabuti desatara a corda sem que Cahipora percebesse, de modo que o gigante vendo a corda avançar pela praia suppoz que a baleia ia com ella, graças á força do jabuti.

Cahipora foi ao mato, cortou um cipó, trouxe o cipó á beira do rio e disse ao Jabuti:

—«Experimentemos, Jabuti! Tu na agua, eu em terra.»

O Jabuti disse: — «Bom, Cahipora!»

O Jabuti saltou na agua com a corda, e foi amarrar a corda na cauda de uma baleia.

O Jabuti voltou para terra, e escondeu-se debaixo do cerrado. Cahipora puxou a corda. A baleia fez força e arrastou o Cahipora pelo pescoço até á agua. Cahipora fez força para puxar a cauda da baleia para terra. A baleia fez força e arrastou Cahipora pelo pescoço até á agua.

O Jabuti, debaixo do cerrado, estava vendo e rindo.

Quando já Cahipora estava cansado, disse: — «Basta, Jabuti».

O Jabuti riu-se, saltou á agua, foi desatar a corda da cauda da baleia. O Cahipora puxou a corda com elle. O Jabuti chegou a terra.

Cahipora perguntou-lhe:

— «Tu estás bem cansado, Jabuti?»

O Jabuti respondeu: — «Não! De que é que eu havia de suar?»

Cahipora disse: — «Agora com certeza, Jabuti, sei que tu és mais macho do que eu! Vou-me embora. Adeus».

AS AVES DE CANTO *

Uma aldeiazinha alegre era rodeada de pomares d'árvores fructíferas.

As arvores floresciaam e lançavam agradabilissimo aroma na primavera.

No outono estavam todos os ramos cobertos de maçãs, peras e outros fructos deliciosos.

Na fronde das arvores e nas sebes proximas faziam ninhos e cantavam aves de varias especies.

Os paes diziam muitas vezes aos filhos: — «Não façam mal a estas avezinhas; não lhes toquem nos seus ninhos; pois isso poderá ser causa de mal.»

* Livrementemente de Christoph von Schmid.

Mas alguns maus rapazes começaram a procurar os ninhos e a destruil-os.

As aves assustaram-se e fugiram pouco e pouco d'alli para outras terras.

Nunca mais se ouviram nos pomares e nos campos os alegres cantos das avezinhas. Tudo ficou mudo e triste.

As lagartas nocivas, que eram caçadas pelas avezinhas para seu sustento, viveram à vontade e devoraram as folhas e as flores.

As arvores apresentavam-se nuas como no meio do inverno.

E os maus rapazes, que estavam costumados a ter bons fructos em abundancia, nem uma ruim maçã tinham para comer.

Não roubes ninho nem ovo,
Pois perdes o fructo e o canto.
As avezinhas, menino,
Deixarás em paz, portanto.

O LEÃO E O RATO *

Sahiu da toca aturdido
Damninho e pequeno rato,
E foi cair, insensato,
Entre as garras de um leão.

Eis o monarcha das feras
Lhe concedeu liberdade,
Ou por ter d'elle piedade,
Ou por não ter fome então.

Mas esta beneficencia
Foi bem paga. Quem diria
Que o rei das feras teria
D'um vil rato precisão ?

Uma vez que elle ia entrando
Por uma selva frondosa
Cahiu em rede enganosa,
Sem conhecer a traição.

* De Curvo Semedo.

Baldados esforços ; tudo
Tenta para fugir-lhe ;
Mas vem o rato acudir-lhe,
Entra a roer-lhe a prisão.

Rompe com os finos dentes
Primeira e segunda malha ;
E tanto depois trabalha
Que as mais tambem rotas são.

O seu bemfeitor liberta,
Uma divida pagando,
E assim a gente ensinando
De ser grato á obrigação.

Tambem mostra aos insoffridos
Que o trabalho com paciencia
Faz mais que a força e imprudencia
Dos que sempre em furia estão.



A VIBORA *

A unica serpente venenosa que se encontra em Portugal é a vibora ; o Brazil é muito menos feliz nesse ponto, pois ha nelle varias especies de serpentes terriveis pelo seu veneno.

A vibora commum não excede geralmente setenta centimetros de comprimento e é até quasi sempre mais pequena.

A sua coloração varia : ora é castanha

* Extrahido de Moquin Tandon

arruivada, ou acinzentada, ora pende para o negro.

Nas costas da vibora vê-se uma linha irregular, côr de castanha, negra ou preta, em zigue-zague. Algumas vezes o animal apresenta uma só côr por cima.

O ventre é pardo, pendendo para a côr da ardósia. A cabeça tem fôrma aproximada da d'um coração e excede a largura do pescoço.

No focinho ha seis placazinhas, no meio de duas das quaes estão as ventas.

Os olhos vivos, brilhantes e muito pequenos, são rodeados d'um risco preto. Diz-se de pessoas d'olhos pequenos, brilhantes e malevolos, que teem *olhos de vibora*.

A lingua é comprida, farpada, pardacenta, molle.

A forma das escamas, que se sobrepõem parcialmente umas ás outras, é differente das outras serpentes.

A vibora frequenta as bordas dos caminhos, nos bosques elevados e pedregosos.

Esconde-se debaixo das pedras, do mato, da lenha velha.

E' de seu natural feroz e timida ao mesmo tempo.

De dia fica parada e á tarde, principalmente no tempo quente, começa a sua caça, que se dirige quasi sempre contra as toupeiras, lagartos, rãs, caracoos, insectos e vermes.

Como as outras serpentes, a vibora só tem refeições com grandes intervallos, ás vezes de 15 a 20 dias !

O inverno é passado pelas viboras, entorpecidas, em diversas cavidades.

Os orgãos terriveis da vibora, como as das outras serpentes venenosas, consistem numa especie de dentes, agudos, em que ha um canal por onde sae o veneno, que pode ser mortal para o homem. A vibora, como outros reptis, tem só dois d'esses dentes, no queixo superior.

A vibora foge diante do homem, mas se acaso alguém lhe põe o pé em cima, se a agarram com a mão, se ella receia que a querem apanhar ou ferir, defende-se com colera e põe em uso os seus dentes e o seu veneno.

O HOMEM E A SERPENTE *

Um moço encontrou
Dormente
Serpente,
Qu' o gelo enervou ;
A casa a levou
E logo
Do fogo
Mui perto a chegou.
A vil se animou,
Qu' em breve
Da neve
O effeito acabou ;
A cauda annelou.
Erguendo,
Torcendo
O collo, silvou :
A quem a salvou
Do corte
Da morte
Matar intentou.
O moço tomou

De Curvo Semedo.

Pesado
Machado
E ao meio a cortou.
A ingrata acabou
Partida;
C'o a vida
Seu crime expiou.

O CRAVO DA FERRADURA *

Um negociante tinha feito muito negocio numa feira; vendera todas as suas mercadorias e enchera d'ouro e prata os sacos do dinheiro.

Dispoz-se então para partir a fim de chegar a sua casa antes d'anoitecer.

Poz os alforques com o dinheiro em cima do cavallo e cavalgou.

Ao meio dia descançou numa cidade.

Quando quiz seguir caminho, o criado da estalagem trouxe-lhe o cavallo, mas disse-lhe:

— «Meu amo, falta um cravo na ferradura da pata trazeira esquerda.»

* Da collecção dos *Contos infantis* dos irmãos Grimm

— «Que me importa que falte!» replicou o negociante; «nas seis horas de caminho que ainda tenho que andar não se despregará a ferradura. Tenho pressa.»

A' tarde, noutro sitio onde passou para dar de comer ao cavallo, veio outro rapaz ter com elle e disse-lhe:

— «Meu amo, ao cavallo falta a ferradura da pata trazeira esquerda. Quer que o leve ao ferrador?»

— «Que me importa que falte?» replicou o homem. «Nas duas horas de caminho, que ainda tenho que andar, o cavallo poderá aguentar. Tenho pressa.»

Cavalgou para deante; mas pouco tinha caminhado, quando o cavallo começou a coxear e não coxeou muito tempo, porque caiu e quebrou uma perna.

O negociante teve que deixar o cavallo no meio do caminho, tomar os alforjes, levá-los ás costas e ir para casa a pé e chegar lá só quando a noite ia adeantada.

— «O cravo encantado,» disse elle consigo, «foi a causa de toda esta desgraça.»

LECTADO

Por um cravo se perde uma ferradura,
Por uma ferradura um cavallo,
Por um cavallo um cavalleiro,
E por um cavalleiro um exercito.

O MACACO

A' beira de fundo lago
Leve macaco chegou,
E nas mansas puras aguas
Os vivos olhos fitou.

Vê seu retrato, e suppõe
Outro macaco alli vêr ;
Faz enorme carantonha,
O que lhe é facil fazer.

* De Pimentel Maldonado.

Espreita, e as tristes visagens
Inda mais tristes repete ;
O sereno aquoso espelho
Fielmente lh'as reflecte.

Raivando com taes esgares,
Guincha contra o mofador,
Ergue a mão, corre a punir
O fantastico aggressor.

Precipita-se, encontrando,
Em lugar de quem procura,
Nova e mais feia careta,
Fofa e vasta sepultura.

Oh Ira! Quanto és doidinha!
Quão cegos teus golpes são!
Que um geito, uma sombra, um nada
Faça a tua perdição!

AS PARTES DO CORPO HUMANO *

As partes do corpo humano sentiram-se uma vez enojadas de servirem umas ás outras e não quizeram mais fazel-o.

Disseram os pés: — «Porque havemos nós sómente de vos supportar e transportar? Arranjae pés para vós proprias, quando quizerdes caminhar!»

Disseram as mãos: — «Porque seremos nós quem ha de trabalhar para vós-outras? Arranjae mãos, quando precisardes d'ellas.»

Disse a boca: — «Com que eu hei de ser sempre uma porta aberta e um moinho para moer a comida afim do estomago a digerir com toda a commodidade? Que arrange boca para si quem precisar d'ella!»

Acharam tambem os olhos que era injusto que elles só estivessem vigiando por todo o corpo. E assim fallaram todas as outras partes do corpo humano, mostrando-se

* Antiquissimo apologo; reproduzido da redacção de Campe.

cada uma cansada do serviço que prestavam ás outras. Que succedeu?

Como os pés não queriam andar, as mãos se recusavam a trabalhar, a boca se negava a comer, os olhos se esquivavam a ver, todo o corpo cahiu dentro de poucos dias em tão grande fraqueza que os seus membros e órgãos desfalleciam e se aproximavam da morte.

Então reconheceram a sua loucura e quizeram voltar a prestar uns aos outros serviços reciprocos; mas era já muito tarde: o corpo em tal estado de debilidade não podia mais ser vivificado e restabelecido; e assim foram todos os membros castigados da sua revolta.

DICTADOS

Da mão á bôca — se perde a sopa
Pés costumados a andar não podem estar quedos.

Quem tem boca — não diga a outro: as-sopra.

Ao invejoso emmagrece-lhe o rosto e incha-lhe o olho.

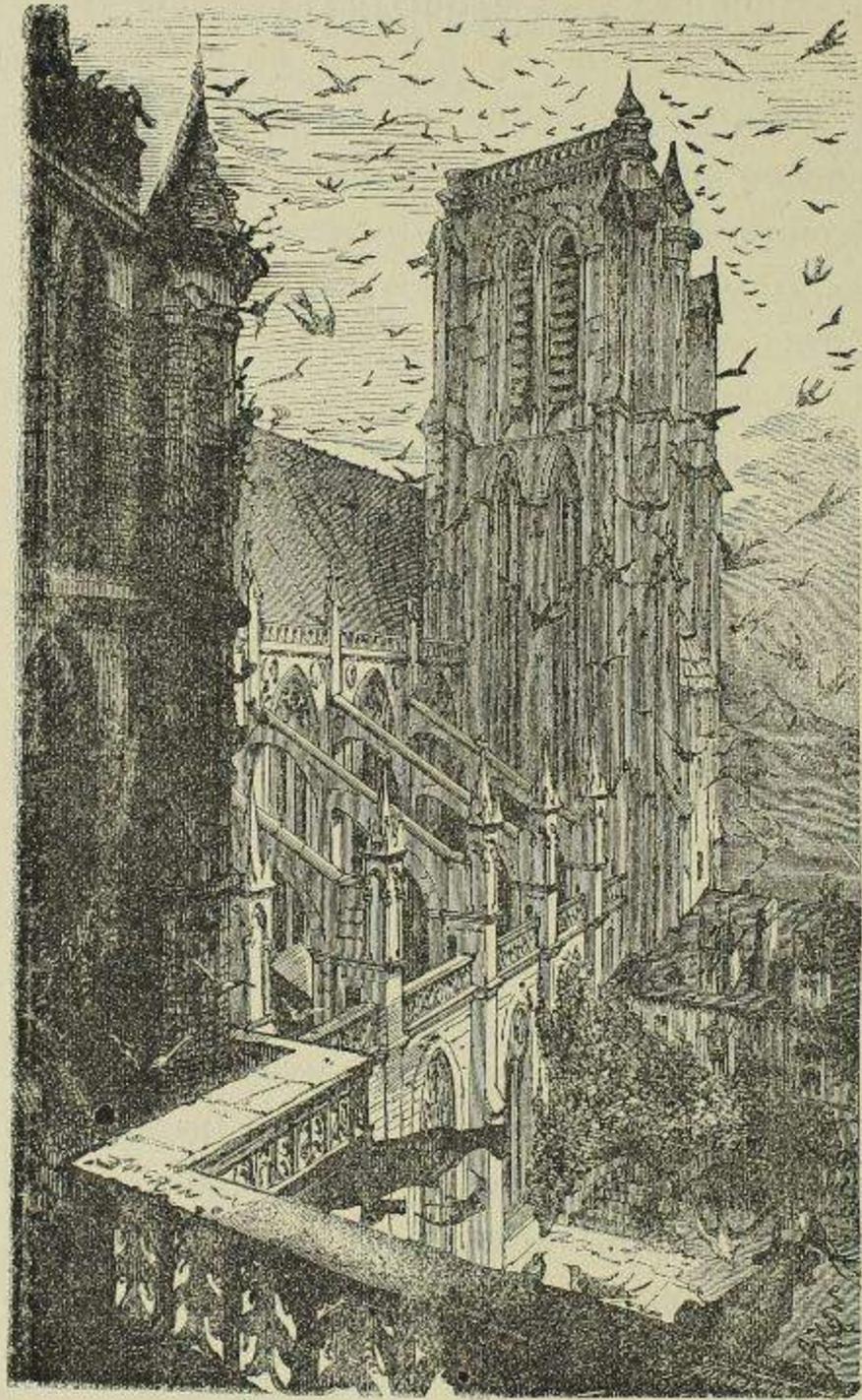
A ANDORINHA

Não haverá quem não tenha visto percorrendo o ar, já tocando a terra com suas azas, já pairando por cima de nossas cabeças, essas avezinhas graciosas e brilhantes na sua plumagem preta.

A lentidão da nossa vista não permite que as sigamos nas suas mil voltas e rodeios; mas o que menos podemos distinguir são as myriades de mosquitos e outros insectos alados de variadissimos generos que as andorinhas perseguem nos seus continuos movimentos.

O bico d'essas avezinhas, curto e de larga fenda, está aberto ao vento sempre que ellas voam e formam com sua garganta dilatada uma especie de funil, em que esses insectos se engolfam a cada instante.

Emquanto o ceu está sereno e a atmosphera tepida, os insectos giram alto e as andorinhas sobem com elles; mas quando ameaça chover ou se sente frio, todo aquelle miudo povo aereo se abriga nas plantas, no meio das hervas.



Enfin as mal
pousser as m...
lra que se...
de nas...
de das...
As...
em, se...
le hem...
les mal...
Os...
x...
no, quando...
para...
A...
est...
ros e...
para...
trifido...
presam...
ros, m...
Ala...
domin...
domin...
o r...
branco...

Então as andorinhas tocam o chão para apanhar os insectos na haste, na folha ou na flôr a que se acolheram. Ellas caçam então até nas calçadas das nossas ruas, á superficie das aguas e nas proprias teias d'aranha.

As andorinhas, mensageiras da primavera, são olhadas como amigos, como aves de bóm agouro; considera-se coisa feia fazer-lhes mal.

Os antigos acreditavam, sem razão, que as andorinhas se vingavam de as maltratarem, picando com o bico as tetas das vaccas para lhes fazer secar o leite.

A origem d'essas sympathias populares está nos costumes sociaveis d'essas graciosas aves e em serem inteiramente inoffensivas para as searas e fructas; são até um justo tributo de reconhecimento pelos serviços que prestam limpando o ar e o campo de insectos, muitos dos quaes são nocivos.

Além do preto, tirante a roxo, que predomina na coloração da plumagem das andorinhas, nota-se nella, segundo as especies, o ruivo acastanhado do pescoço, d'umas, o branco da parte inferior do corpo, d'outras,

emquanto uma especie apresenta nas costas a côr parda acastanhada destacando d'ella o alvo da garganta e das costas.

As andorinhas são aves emigrantes, como é facil de verificar, observando que ellas não passam todas as estações na mesma terra. D'ordinario chegam a cada paiz pelo começo da primavera e retiram-se no outono.

Essas aves buscam passar em cada paiz as estações bellas da primavera e do verão, fugindo aos rigores do inverno, ainda que para isso sejam obrigadas a longas viagens aereas.

As andorinhas teem muito amor umas pelas outras e protegem-se mutuamente nos perigos e afflições.

Conta-se que uma andorinha ficou uma vez presa e pendurada por um fio que se lhe enrolara a uma perna, num beiral. Em vão tentava voar, soltando gritos dolorosos.

Acorreram de todas as partes da vizinhança innumeradas andorinhas, com tristes pios e eis que uma dá, passando de fugida, uma bicada no fio; as outras imitam-na e

á força de bicadas o fio foi cortado e a companheira infeliz foi posta em liberdade.

Teem-se já domesticado andorinhas da especie que faz o seu ninho nas bordas das janellas e visto que ellas correspondiam com a affeição aos donos da casa, agradecendo o sustento que lhes davam de moscas, pequenas borboletas e outros insectos.

Andorinhas arrancadas aos seus ninhos, em que chocavam os ovos, foram já levadas ao longe e largadas depois, levando atados bilhetinhos com algum recado; voltaram aos seus ninhos, tendo percorrido algumas até um espaço de trinta kilometros em um quarto d' hora.

A nossa gravura representa uma velha igreja da Europa, em que bandos numerosos de andorinhas construíram os seus ninhos e em torno da qual volteiam.

O MARIBONDO E A ABELHA *

Maribondo impertinente
Ao vêr abelha engenhosa
A saúda reverente;
De sisuda e de formosa
Ensossos gabos lhe dá,

E, não tirando resposta,
Prosegue enfadado assim:
— «Minha joia, que a desgosta?
E' por não louvar-me a mim
Que tão caladinha está?

Porventura não sou eu
Tambem afamado artista?
Se acaso o trabalho seu
Faz mais bulha, faz mais vista,
Quem lh'o compra o sentirá.»

* De Pimentel Maldonado.

—«Bulha! Vista! Que illusão!
Isso não é (diz a abelha)
O porque louvor me dão:
Quem assim se me assemelha
Fraca estima ganhará.

Entre nós eis a differença:
Tu, só de apparencias rico;
Emquanto doce mantença
Colher-se-ha do que eu fabrico,
Clara luz se extrahirá.»

Calou-se e veloz se afasta,
Pouco altiva da victoria.
O que disse é quanto basta.
Util sè, e inteira gloria
Tuas obras coroará.

O COFRE MARAVILHOSO :

Uma dona de casa tinha numerosos desastres na sua propriedade, e via diminuir rapidamente os seus haveres.

Resolveu-se ir então a uma floresta onde vivia um solitario que passava por muito sabio.

Chegada lá disse ao solitario:— «As coisas não correm bem em minha casa. Não sabe um meio de remediar o mal?»

O solitario, que era um velho alegre, fel-a esperar um pouco, foi ao quarto interior da sua cella e voltou pouco depois com um cofrezinho, fechado e sellado.

Disse:—«Durante um anno inteiro, tres vezes cada dia e tres cada noite mudará a senhora o lugar d'este cofre em sua casa, na cozinha, no celleiro, na adega, nos curraes e em todos os cantos da casa; verá como as coisas correm melhor. Mas ao fim do anno trar-me-ha de novo a caixa.»

A boa mulher depositou grande confiança no cofre e levou-o cuidadosamente para casa.

* De Christoph von Schmid.

Quando no dia seguinte foi á adega, viu que o criado queria levar ás escondidas uma garrafa de vinho. Quando á noite foi á cozinha, viu que as criadas estavam fritando ovos para si proprias.

Quando percorreu os curraes, viu que as vaccas estavam mettidas no esterco e os cavalloos tinham em vez d'aveia sómente palha e não tinham sido almofaçados.

Cada dia descobriu novas faltas no serviço dos seus criados.

Terminado o anno, foi a dona da casa levar o cofrezinho ao solitario e disse-lhe contente: — «Tudo corre melhor. Deixe levar o cofrezinho por mais um anno, pois elle é um remedio excellente para melhorar a fortuna.»

Riu-se o solitario e disse: — «Não posso deixar-lhe levar outra vez o cofre; mas o remedio que elle contem dar-lh'o-hei.»

Abriu então o cofre e vejam! Dentro havia apenas um bocado de papel branco em que estavam as seguintes palavras:
O olho do dono engorda o cavallo.

O VELHO E SEUS FILHOS *

Sentindo a morte chegar
Um velho mandou chamar
A seus tres filhos; e disse
Que desejava saber
Qual tinha tanto poder
Nos pulsos, que lhe partisse
Um molho, de varas feito,
Que mostrou
Junto do leito.

Todos tentaram a empresa;
Mas nem força nem destreza
Lhes valeu: não se quebrou
Do tal feixe uma só vara.
Eis logo o velho as separa,
Uma
Após outra partiu:
---«Cada qual
De vocês viu
Quanto val'
Serem unidos,

* De Henrique O'Neill.

Aquelles paos, se o ficassem,
Nunca seriam partidos.»
Disse o velho: e lhes pediu
Que do feixe se lembrassem.
Prometteram; e morreu,
Mas do que foi promettido
Nenhum mais se recordou;
E por isso succedeu
Vêr-se cada um perdido,
E só então lhes lembrou,
Mas tarde, o feixe partido.
Apenas se desatou.



O LOBO *

O animal, que representa a nossa figura, encontra-se na America do norte, na Europa e na Asia.

E' um ladrão nocturno, manhoso, cobar-

* Livrementemente de Buffon.

de ou ousado, segundo a necessidade, voraz, activo, robusto.

Apesar de ser ainda um parente, um semelhante do cão, distingue-se completamente pelos seus habitos e máos instinctos d'esse animal nobre, amigo do homem.

Por toda a parte onde elle existe se lhe faz guerra de morte; mas tem resistido seculos e seculos a essa guerra ainda nos paizes mais civilisados e mais povoados. Só os inglezes conseguiram acabar com o lobo nas suas ilhas ha mais de um seculo.

Grosseiro e poltrão por natureza, o lobo inventa ardís e enche-se de coragem, quando a fome aperta com elle. Então ousa vir atacar os animaes guardados pelo homem, taes como cordeiros, cãezinhos, cabritos. Se é perseguido, maltratado, ferido pelos homens ou pelos cães, esconde-se de dia no seu abrigo, nos montes ou nas florestas, e só vem de noite fazer as suas correrias; aproxima-se dos curraes; cava por debaixo das portas e cancellas e, se consegue entrar, mata furioso os animaes que lá encontra, antes de escolher e levar a sua presa.

Quando essas correrias não lhe dão o resultado que deseja e a fome augmenta, persegue os animaes selvagens. Emfim, quando a necessidade é extrema, expõe-se a tudo; accomette mulheres e creanças, até homens, e esses excessos enfurecem-no a ponto de se tornar raivoso e morrer.

Os lobos não vivem em sociedade. Quando se reúnem, uivando em multidão, que se chama alcateia, é só para fazerem guerra, para accometterem algum animal grande, como um veado, um boi, para matarem algum temivel mastim. Logo que essa expedição militar acabou, vae cada um para seu lado silencioso.

O lobo differe constantemente do cão. O aspecto da cabeça é differente, assim como a fórma dos ossos. O lobo tem em direcção obliqua a cavidade dos olhos; a orbita inclinada, os olhos faiscantes, brilhantes de noite; uiva em vez de ladrar.

O corpo do lobo é mais forte, mas não tão agil como o do cão; os membros são mais firmes, os queixos e os dentes mais grossos, o pelo mais aspero e mais basto.

O lobo tem muita força, principalmente nas partes deanteiras do corpo; leva seguro na boca um carneiro, sem o deixar tocar no chão, sendo porém falso que o atire para as costas; corre com tal rapidez que só os cães podem alcançal-o e obrigar-o a largar a presa.

Tem os sentidos muito apurados, a vista, o ouvido, e principalmente o olfacto; fareja muitas vezes a distancia de que lhe é ainda impossivel vêr. O cheiro da carniça attrahe-o a mais de uma legua. Pelo faro conhece tambem que ha animaes vivos a grandes distancias.

Nada ha bom neste animal, a não ser a sua pelle, que serve para fazer vestes quentes e de dura. A carne é má e repugna a todos os animaes, excepto aos da mesma especie; só lobo come lobo! Elle lança um cheiro repellente pelas fauces.

Para matar a fome, o lobo devora tudo o que acha, carnes corrompidas, ossos, pelos, pelles meio curtidas e ainda cobertas de cal; vomita com frequencia.

Emfim desagradavel em tudo, d'aspecto

torvo, selvatico, de voz assustadora, de cheiro insupportavel, de natural perverso, de costumes ferozes, inspira o odio e é nocivo em vida e inutil depois de morto.

O lobo chega a ter um metro e mais de comprimento e na sua maior altura até ás costas 65 a 70 centímetros.



O JOGO DA PÉLA

Com uma simples péla os meninos fazem jogos muito variados.

A nossa gravura representa um d'esses jogos — a péla á parede.

Para o jogar é preciso ter uma péla boa, resistente e estar em frente de uma parede assás elevada, lisa, sem janellas.

Traça-se na parede um risco horison-
tal bastante comprido, á altura d'um mé-
tro ou metro e meio acima do chão.

Esse risco deve ser feito com carvão ou
gis, segundo a côr da parede.

Podem entrar no jogo dois ou mais
jogadores. Suppóimos aqui que entram dois,
tirando-se á sorte qual deve ser o primeiro
a atirar a péla, e chamemos a este Julio,
emquanto ao contrario daremos o nome de
José.

Julio atira a péla á parede e José segue-a
attentamente com os olhòs e, quando ella
volta da parede, busca, em rapido movimen-
to, bater-lhe, para que vá outra vez de en-
contro á parede, quer antes d'ella tocar o
chão, quer depois d'ella, tendo-o tocado, sal-
tar de novo.

E' então a vez de Julio seguir os movi-
mentos da péla para tornar a atiral-a á pa-
rede, antes d'ella cahir no chão de todo im-
movel.

O jogador que não bate na péla, emquanto
ella se move no ar, perde um ou mais pontos,
segundo o que fôr tratado no começo do jogo.

Aquelle que primeiro faz um certo numero de pontos ganha a partida.

Ordinariamente uma partida tem 60 pontos e cada jogador que deixa cahir a péla immovel perde 15 pontos, que o contrario conta por seus; mas a partida não se considera ganha senão quando o jogador faz os trinta ultimos pontos em duas series sem interrupção.

A CIGARRA E A FORMIGA *

Tendo a cigarra cantado
Todo o verão sem governo,
Em nada tinha cuidado.
Era o principio do inverno,
Achava-se desprovida
Do sustento para a vida;
Triste futuro augurava.
Na collisão em que estava,
Lembrou-lhe certa vizinha,
Dona formiga de tal,
Que um farto celleiro tinha,

* De Curvo Semedo.

Posto que era voz geral
Ser mui pouco liberal;
Foi a sua casa então
E estendeu-lhe este panal:

— «Vizinha do coração,
A seus pés hoje aqui venho
Fazer-lhe uma petição:
Cahem-me as faces ao chão,
Pela vergonha que tenho.
E' o negocio, — eu queria
Que me emprestasse algum grão
Do que vossa senhoria
Nos seus celleiros encerra.
Pois esta mesquinha terra
Me tem sido bem fatal!
Quando vier julho ardente,
Serei muito pontual
Em pagar-lhe exactamente
Não só o seu principal,
Mas aquillo que assentarmos
Nos ajustes que tratarmos.»

Esteve-lhe ouvindo tudo
Mui sériamente a formiga,

E tornou-lhe em tom sisudo :
— «Que fez no verão, amiga?»
«Que fiz? — Amada senhora,
(Diz a cigarra) — Cantei.»
— «Era o mesmo que eu pensei;
«Pois pode bailar agora,»
A formiga respondeu;
«Fizesse como fiz eu,
Que trabalhei no verão
Para no inverno ter pão.»

Quem só nos divertimentos,
Sem cuidar na subsistencia,
Occupa os seus pensamentos,
Quando cahir na indigencia,
Conte que o mesmo ha-de ouvir
Áquelles a quem fôr pedir.

A RIQUEZA *

Um pobre rapaz encontrou-se uma vez
com o seu antigo mestre e queixou-se amargamente de que as coisas lhe corriam mal,

* De Jaeger.

emquanto tal e tal dos seus condiscipulos d'outro tempo era muito mais feliz.

— «Fulano e beltrano,» disse elle, «estão ricos, enquanto eu tenho falta de tudo.»

-- «És tu realmente pobre?» disse o mestre. Vejo-te perfeitamente são diante de mim.

— «Esta mão,» continuou elle, tomando a direita ao rapaz, «forte e apta para o trabalho, deixal-a-hias tu cortar por um conto de reis?»

— «Deus me livre d'isso,» replicou o rapaz, «como consentiria eu em tal?»

— «E os teus olhos,» proseguiu o mestre, «que com tanta vivacidade contemplam o bello mundo, por quanto os darias tu? E o teu ouvido, pelo qual escutas o canto das aves e a voz dos teus amigos, trocal-o-hias pelo thesouro d'um rei?»

— «Certamente que não,» respondeu o rapaz.

— «Pois então,» replicou o mestre, «não te queixes de seres pobre; possues bens que valem mais que todo o ouro d'este mundo.»

O INDIO ESCRUPULOSO *

Um indio da America pediu a um seu vizinho que lhe dêsse algum tabaco.

O vizinho tirou da sua algibeira uma mão-cheia e deu-a ao que pedia.

No dia seguinte de manhã o indio foi procurar o vizinho e entregou-lhe uma pequena moeda de prata que elle lhe dera por engano com o tabaco.

Alguem perguntou ao indio por que não ficara com o dinheiro; elle pôz a mão sobre o coração, e disse:

— «No meu coração ha dois homens, um bom e outro máo; o bom disse que o dinheiro não me pertencia e que por isso devia entregal-o ao dono. O homem máo disse que m'ó tinham dado e que portanto ficasse com elle.

«O homem bom disse: — «Isso é falso; deram-te o tabaco, mas não te deram o dinheiro.»

* Do *Lesebuch* de Auras e Gnerlich.

«O homem máo replicou : — «Não te inquietes, vae comprar aguardente com o dinheiro.»

«Não sabia por que me havia de resolver; por fim para poder descansar, deitei-me; mas o bom homem e o máo homem disputaram toda a noite. De modo que para poder repousar tive que levar a moeda ao dono.»

O TIGRE E A DONINHA *

Pesou sempre o beneficio,
Porque a vaidade offendeu;
Principalmente se um grande
D'um pequeno o recebeu.

Lembra-me agora uma historia
Sucedida entre animaes,
Uma historia que se applica
Bellamente aos racionaes.

* De Bocage. O penultimo verso foi modificado.

Ia um tigre muito ufano,
Fiado na garra e presa,
Crendo que tudo excedia
No reino da natureza.

D'esta ideia allucinado,
Incauta planta foi pôr
Em perfida rêde armada
Por experto caçador.

Preso, lucha sem proveito,
Tenta en vão desenlear-se,
Lida, revolve-se o bruto,
E o que faz é apertar-se.

Estacando-lhe as forças,
Perdida emfim a esperança,
Cessa e do peito raivoso
Horrendos bramidos lança.

Ao tempo que elle arquejava,
Por aquelle sitio vinha,
Demandando agrestes fructos,
A leve e esperta doninha.

Estremece, ouvindo o monstro,
Envolto na rede, urrar:
Foge porém curiosa,
Põe-se de longe a olhar.

O tigre que a vê, que sabe,
Quanto é versada em roer,
Despe a soberba, e lhe roga
Que o venha alli soccorrer.

Tanto adoça o tom pesado
Da rude, estrondosa voz,
Que segura a desprendel-o
Parte a doninha veloz.

Affinca o subtil dentinho
No tenaz urdido laço,
Roe aqui, roe acolá,
E o desfaz em breve espaço.

Livre das prisões apenas,
A fera, ingrata e medonha,
Do que deve ao pequenino,
Fraco animal, se envergonha.

E acesa em feroz orgulho,
Carregando-se na frente,
(Com receio de que a triste
O caso nas selvas conte,)

Deita-lhe a garra damnosa,
A debil vida lhe extrahe!

Quem acudirá ao malvado
Se no precipicio cahe?

A LEBRE E O COELHO

A lebre e o coelho são dois animaes muito semelhantes d'aspecto, mas de diferentes especies.

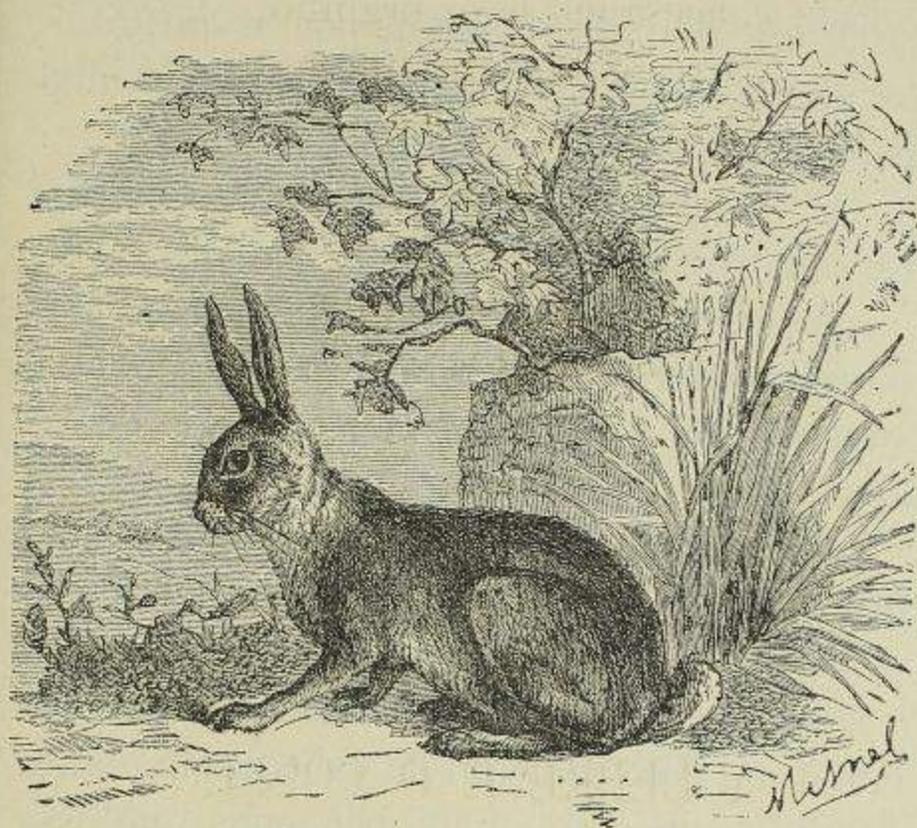
Não vivem juntos e ha entre elles antipathia formal.

A lebre não se domestica facilmente como o coelho, que pode crear-se por toda a parte e que se multiplica com rapidez.

A lebre e o coelho, como o rato, são



discreta
sua de
desta.
Os
incisos
molares
Não
destes
carne,



chamados roedores, pela organização da sua dentadura e dos hábitos que resultam d'esta.

Os roedores teem em geral dois dentes incisivos em cada queixo, separados dos molares por um espaço vazio.

Não podem por isso segurar com os dentes uma presa viva, nem despedaçar a carne, nem sequer cortar os alimentos.

Com os dentes limam, por assim dizer, os alimentos, reduzem-nos a pequenissimas parcellas que vão engulindo.

E' bem sabido como os ratos applicam os seus dentes a roer até a madeira.

A lebre e o coelho distinguem-se dos outros roedores em terem a mais no queixo superior dois pequenos incisivos por detrás dos maiores.

A lebre é geralmente maior que o coelho; tem o corpo e as pernas mais compridas.

As orelhas das lebres excedem um decimetro o comprimento da cabeça, emquanto as do coelho são mais pequenas que essa parte da cabeça.

O coelho, como a lebre, tem pelos no interior da boca.

A lebre encontra-se em quasi todas as partes do mundo.

E' um animal ao mesmo tempo muito timido e muito matreiro.

Tem olhos grandes, mas a vista é fraca. Em compensação o seu ouvido é muito apurado.

A fama de que gosa de dormir d'olhos abertos é fundada.

A lebre não cava toca como o coelho; escolhe um abrigo, que consiste quasi sempre num pequeno concavo e alli se esconde entre dois monticulos de terra.

Geralmente busca abrigo que fique exposto aos raios do sol d'inverno e ao vento fresco do norte no verão.

Logo que é descoberta, a lebre foge com rodeios e ardís, para voltar ao abrigo apenas consiga enganar o inimigo.

A sua carreira é rapida, principalmente subindo, porque então as pernas de diante, mais curtas que as de trás, são vantagem para ella.

Só o lebreu pode alcançal-a na corrida e até excedel-a, quando a lebre pára e se volta noutra direcção: o seu inimigo não esperando essa volta e não podendo suster o impulso que leva, passa-lhe adiante e perde-lhe muitas vezes os vestigios.

A pelle da lebre, de côr parda amarelada, acastanhada por cima e mais ou menos branca na parte debaixo do corpo, é

muito estimada já como material para vestuário, pois se emprega em coletes, e outros artigos semelhantes, já para fazer o feltro.

O coelho bravo vive em familia, numa excavação chamada toca, que elle faz com os pés de trás.

A LEBRE *

—«De todos os animaes
(Eu fallo dos principaes
Em forças e valentia,)
Nenhum se pode gabar
De não ter sua fraqueza,
Defeito de natureza:»—

A coelha assim dizia,
Em conversa á lebre um dia:
—«Ao leão misero gallo
E' capaz de afugental-o;

* De Henrique O'Neill. E' crença do povo, segundo o auctor, que o canto do gallo assusta o leão, assim como o grunhir do porco o elephante.

E com que? com o seu cantar.
Ao elephante o grunhir
D'um porco o vae affligir
A ponto de sossobrar.»

—«E eu então?»
Atalha a lebre:
“Se vejo um cão,
E' tal febre
Que não me posso conter
E deito logo a correr.»

O CYSNE E OS DOIS GANSOS *

Num grande lago andando
Mui alvo cysne airoso,
As aguas retalhando,
Seren e magestoso,
Se via divagar.

* De Pimentel Maldonado.

*

D'aquelle espaço ingente
Despotico senhor,
Na estiva quadra ardente
Sem tédio, sem calor
Só ia alli passar.

Dois gansos apressados
Do lago á borda chegam,
E tristes e encalmados,
Taes supplicas empregam,
Tentando nelle entrar.

Assim um d'elles falla:
—“O' cysne, ó grão cantor,
A quem nenhum te iguala,
Ao teu admirador
Permitte aqui nadar.»

Prosegue o socio então:
—“Bom cysne, eu sei te agrada
A paz, a solidão,
Um poucachinho, um nada
Me deixa refrescar.”

Escuta o cysne attento
Taes gabos, rogos taes,
E a sua voz soltando, isento
Responde:—“E quem jámais
O cysne ouviu cantar?

Mentiste; e vão e arteiro
O teu dever esqueces!
Ah! foge, ó lisongeiro.
E tu que me conheces
Me vem acompanhar.”

Cativa o coração
Um candido louvor:
A torpe adulação
Ao sabio causa horror,
Em vez de lhe agradar.

DE VAGAR SE VAE AO LONGE *

Um carroceiro guiava a grande pressa
um carro carregado para uma certa cidade
murada, cujas portas se fechavam ao anoi-

* Livrement de Christoph von Schmid.

tecer, tendo que pagarem os vehiculos que lá chegavam depois d'essa hora dobrado direito de portagem.

O carroceiro perguntou a um caminhante: — “Chegarei eu á cidade antes de fecharem as portas?”

— “Oh sim!” respondeu o caminhante, “se tu fores de vagar.”

O carroceiro pensou para si. — “O homem não está no seu juizo perfeito.”

E chicotou o cavallo a valer e andou ainda mais rapidamente pela estrada barrancosa, de modo que cavallo e rodas fumegavam.

De subito quebra uma roda, o carro enterra-se e caixas e barricas que nelle iam cahem pela estrada e barrancos.

O caminhante em pouco tempo alcançou o carroceiro e disse-lhe:

— “Vês que eu tinha razão? Vou a pé para a cidade e em breve lá chegarei. Tu com os teus quatro cavallos já lá não chegarás hoje.

“Pensavas que com a tua pressa pouparias alguns reaes do direito de portagem

e causaste um damno que te custará alguns tostões.»



Ô LAMA

Os animaes domesticos da America são os que os europeus trouxeram para esta parte do mundo. Muitos, em verdade, vol-

* De Paul Bert.

taram ao estado silvestre, de modo que em o Novo continente se encontram em liberdade os descendentes dos cães, dos cavallos, dos porcos domesticos da Europa.

O unico quadrupede domestico natural da America é o lama, animal semelhante ao camello do antigo mundo, mas que se distingue d'este por não ter a curva simples ou dupla das costas, chamada *corcova*.

O lama habita as regiões elevadas da Cordilheira dos Andes. Nos logares altos é ainda empregado, porque não se esfalfa e adoece alli como o cavallo. E' utilizado como animal de carga, e como productor de lã; além d'isso, come-se a sua carne.

Ha ainda muitos lamas bravos que são procurados pela sua lã e pela sua carne. E' estimadissima a lã das especies chamadas *alpaca* e *vigonha*, sendo a da ultima muito mais fina que a da primeira.

A ABELHINHA *

A vez primeira chegava,
Em que doirada abelhinha
Aos floridos prados voava ;
Alvorçada, e sózinha,
Já se propunha a partir.

— “Escuta (lhe diz então
Aquella a quem deve o ser)
Escuta, filha, a razão,
Que me faz estremecer ;
Não te pese de me ouvir.

Vaes entrar num mundo novo,
Num mundo em que se mantem
Diverso, infinito povo ;
Sê cauta, vê que ninguem
Sem risco pode lá ir.

Nós porem mór p’rigo havemos :
Se um agravo nos molesta
Mais nos dóe, se o defendemos ;
A raiva nos é infesta,
Nos pode a morte atrahir.

* De Pimentel Maldonado.

Evita encontros e vae.,,
Eis que a louquinha contente
Do manso cortiço sahe ;
E ha quem diga que insolente
Se poz do conselho a rir.

Tal não creio, é verdade,
Que jámais se contestou,
A desenvolta anciedade,
Com que ás flores se lançou
Sem encontros prevenir.

Sucedeu pois que uma ovelha
No mesmo instante a encontrasse,
E a vã pequenina abelha
Casualmente pisasse :
Ei-la raivosa a zunir.

E com tanta indignação
Ficou de ver-se pisada
Que o penetrante ferrão
Dardejou desatinada,
Sem faltar-se de ferir.

O defensivo instrumento
A vingativa perdeu ;
Sem elle, e já sem alento
Na colmeia se acolheu
De tal maneira a carpir :

— “Mãe querida, eis-me aqui morta
Por não ser obediente.
Ai de mim ! quem me conforta !
Uma vingança imprudente
Que penas me faz sentir !,,

A HERVINHA MILAGROSA *

Duas raparigas, Brigida e Margarida, iam para a cidade e cada uma levava um cesto cheio de fructos á cabeça.

Brigida murmurava e suspirava com frequencia ; Margarida ria e gracejava.

Brigida disse : — « Como podes rir-te ? O teu cesto é tão pesado como o meu e tu não és mais forte do que sou. »

* De Christoph von Schmid.

Margarida replicou: — « Eu ajuntei aos fructos que levo certa hervinha, de modo que mal sinto o peso. Faz tu o mesmo. »

— « Ah! » exclamou Brigida. « Deve ser milagrosa essa hervinha. Quanto eu quere-ria alliviar tambem com ella o peso que levo. Mas dize-me como ella se chama. »

Margarida respondeu: — « A hervinha milagrosa que torna todos os pesos mais le-ves chama-se — Paciencia. »

O TAMANDUÁ *

Na America ha um animal, do tamanho d'um cão que vive só de formigas.

Certas formigas, mais propriamente cha-madas *termitas*, formam sociedades de mui-tos milheiros e constroem uma casa de bocadinhos de madeira e grãos d'areia, da altura d'um homem.

Collam com a propria saliva por tal fórma os bocadinhos de madeira e os grãos d'areia,

* De Hermann Wagner.

que formam camada muito dura. Pode um homem trepar acima da casa sem que ella vá abaixo.

Nesse edificio firme fazem os cuidadosos animaes innumerous corredores e cellazinhas em que habitam. Alli põem os ovos e cuidam dos filhinhos.

Se alguém se aproxima muito, assaltam-no com bravura e defendem as suas casas como soldados uma fortaleza.

Muitas formigas mordem com pinsas agudas e lançam então um suco corrosivo na ferida, o qual produz vivissimas dôres.

Outras formigas teem ferrão como as abelhas e vespas e podem ferrar com elle de modo sensível.

Mas eis que da casa das formigas se aproxima o Tamanduá.

Passou a noite sem comer e busca o seu almoço.

Nos pés tem agudas unhas do comprimento d'um dedo; para que ellas não se façam botas, curva-as ordinariamente para dentro e corre firmando-se na borda exterior dos pés.

Quando o tamanduá chega a uma casa de formigas, enterra profundamente as suas compridas unhas no tecto duro e arranca grandes pedaços.

Logo se precipitam aos centos as formigas pelo buraco aberto, afim de punirem o perturbador do seu socego.

Mas o tamanduá é bem protegido, pois cobrem a sua pelle compridos e bastos pelos ; não tem o menor receio dos insectos que o mordem, ao contrario, dirige para elles a cabeça.

Essa cabeça termina por um focinho comprido, em cuja ponta está a boca, muito pequena, sem dentes.

Mas a lingua é muito comprida e o tamanduá pode extendel-a desmedidamente. E' arredondada e delgada como um verme e coberta de humor viscoso.

O tamanduá estende a lingua por cima dos exercitos das formigas e os animaezinhos aos dez e aos vinte d'uma vez collam-se a ella ; formigam furiosos de todos os lados e buscam morder a lingua do inimigo.

Mas antes d'elles conseguirem o seu intento, o tamanduá encolhe a lingua como o pescador puxa a linha e engole todo o exercito que o invadira.

Sem demora sahe de novo a lingua, apanha nova carga, e isto continua a repetir-se, quasi com tanta rapidez como a com que bate o pendulo do relógio.

A grande arte que deve ser aprendida por um tamanduazinho é estender a lingua com promptidão.

O TAMANDUÁ *

Guloso tamanduá
Mui perto de um formigueiro
Aguardava surrateiro
Grande banquete fazer.

Mas, vendo que as taes senhoras
A espaiar não saham,
E os desejos que o moíam,
Não podendo mais conter,

* De Pimentel Maldonado. O ultimo verso foi alterado.

Chega-se á porta, e declama
Com famélica eloquencia:
— «Que singular convivencia
Que virtudes! Que saber!

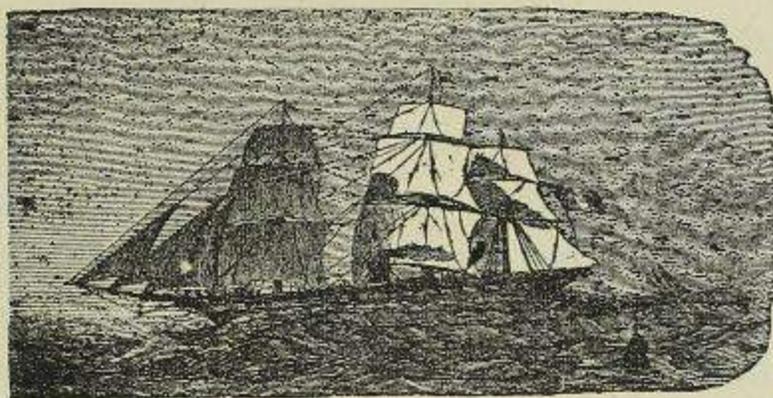
Minhas santinhas, tomae
Este ingenuo donativo,
Pois do muito com que vivo,
Quero comvosco expender.»

Nisto a cylindrica lingua
Para dentro arremessando,
Avarento escuro bando
Começa prompto a correr.

Apinhado sobre ella
Ao bichinho caridoso
Que peso dá tão mimoso!
Que presagios de prazer!

Ferve a chusma, e cresce tanto,
Que elle em fim subtrahe o engodo,
E com galhofeiro modo,
Gramando-as, põe-se a dizer:

— «Minhas tolinhas, sabei
Quanto o mundo abunda em tretas :
Os dons mui grandes são petas,
Não vamos em todos crêr.»



OS GRÃOS DE TRIGO E OS GRÃOS D'OIRO *

Um navio foi arremessado pela tempestade contra os rochedos d'uma ilha deserta.

Todos os passageiros e tripulantes foram ao fundo com o navio; apenas se salvaram dois irmãos, nadando para terra.

Nos destroços do navio acharam elles algumas caixas e barricas com farinha, bolacha e carne salgada.

* De Christoph von Schmid.

—«Demos graças a Deus», disse o irmão mais velho, «pois não só nos salvámos, mas ainda temos meios para viver talvez até que outro navio nos tire d'esta ilha deserta e esteril.»

Numa grande caixa acharam alguns vasos de cozinha e preparos para accender o lume.

—«Demos tambem por isto graças a Deus», disse João, «pois sem vasos de cozinha e preparos para o lume não nos serviriam de nada a farinha e a carne salgada.»

Thomaz, o irmão mais novo, descobriu um bello cofre cheio de grãos d'ouro e teve por isso grande alegria.

João disse: «De que nos servem os grãos d'ouro? Não podemos comel-os; quando voltarmos á nossa patria dal-os-hemos a quem pertencerem.»

—«Mas olha», exclamou elle uma vez todo contente, «neste sacco, quasi vazio, acho algumas mãos cheias de grãos de trigo. Estes são para nós mais preciosos que todo o ouro deste mundo. Quando os mantimentos que temos se acabarem, os grãos de trigo poderão salvar-nos da morte.»

João começou logo a arrotear um pedaço de terra, convertendo-o em campo de sementeira e Thomaz ajudou-o fielmente.

Os grãos de trigo produziram muito no campo, pela primeira vez lavrado. Os dois irmãos semearam então os grãos colhidos num campo ainda maior e folgaram com a feliz seara, pois os seus outros meios de subsistência estavam gastos.

Não tinham meios para fazer pão. Como os homens nos tempos antiquísimos, torravam os grãos ao lume ou coziam-nos em agua.

Mas esse alimento, para o qual uma proxima nascente d'agua concorria, dava-lhes saude e força.

Por fim, aportou um navio á ilha e levou-os para a patria.

Entregaram o oiro ao negociante a quem pertencia o navio naufragado e tudo quanto nelle ia.

Esse negociante tomou a seu serviço os dois irmãos, por serem pessoas tão honradas e tão habeis, e deu-lhes bellos ordenados.

Thomaz disse para João: — «O naufragio

trouxe-nos felicidade. Temos certos agora os meios de subsistencia.

— «Tu vês», disse João, «que os grãos de trigo nos foram mais uteis que os grãos d'oiro.»

AS COTOVIAS *

Mui judicioso é o apologo que se conta das cotovias, que tinham seus ninhos entre as searas.

Dissera o dono do campo a seus criados, que tratassem de metter a fouce, se vissem os pães já sasonados.

E ouvindo este recado uma d'ellas, foi pelos ares avisar as outras que mudassem de sitio, porque vinham logo os segadores.

Porém outra mais velha as aquietou do susto, dizendo:

— «Deixemo-nos estar, que de mandar elle os criados a fazer a obra vae ainda muito tempo.»

D'alli a alguns dias ouviram que o amo

* Do Padre Manoel Bernardes.

se agastava com os criados, porque não tinham feito o que lhes encommendara e que mandou sellar a egua para elle mesmo ir vêr o que convinha.

— «Agora sim, disse então aquella cotovia astuta, agora sim, irmãs, levantemos o vôo e mudemos a casa, que vem quem lhe doe a fazenda.»

Quem quer vae, quem não quer manda.

O LOBO E A OVELHA *

Uma ovelha em tempo antigo,
Estreita união travou
Com um lobo: — não sei que santo,
Este milagre operou.

Esqueceu-se do rebanho,
Do guardador se esqueceu,
Em companhia do amigo,
Pelos matos se metteu.

* De Bocage.

Alli a que d'antes era
Qual mansa pomba sem fel,
Pelo exemplo estimulada
Aprendeu a ser cruel.

Apenas lhe parecia
Ter feito já a digestão,
Eis prompta, a comadre ovelha,
Para a sanguinea funcção.

Se vendo as preias, não tinha
O valor de arremetter,
Ao menos depois de mortas,
Nellas entrava a roer.

Contemplando o fero mestre,
No pervertido animal,
Os progressos que fazia
A sua escola brutal,

De prazer e de vaidade
Lhe pulava o coração ;
E tinha á sua educanda
Cada vez mais affeição.

Mas um dia, em que esfaimado
Sahiu com ella a caçar,
Nem rasto do que buscava
Poude ao menos encontrar;

Montes, valles, bosques, tudo
Farejou, subiu, correu;
Emfim, só farto de vento
Na cova se recolheu.

Coseu-se á terra esfalfado,
E depois que repousou
Para a debil companheira
Os crueis olhos lançou.

—«Quê! (disse o mao lá comsigo.)
Não ha soffrimento igual!
Hei-de curtir esta angustia,
E morrer por ser leal!

A natureza me instiga,
E devo dar-lhe attenção:
Está primeiro que tudo
A propria conservação.

Tu, virtude, és tributo
Dos homens, dos racionaes ;
Não me pertences : — eu sigo
Meu instincto, nada mais.»

Nisto, veloz como um raio,
Com a ovelha investiu,
E logo dentes e garras,
Nas entranhas lhe sumiu.

Com tremula voz pergunta,
Ao desleal a infeliz :
—«Por que me tiras a vida,
Ingrato, que mal te fiz ?!

Que lei o rigor te ordena
A que eu motivo não dei !»
E elle sôfrego responde :
—«Tenho fome, a fome é lei.»

D'esta arte cevando a furia,
Não cessou de lacerar ;
E, antevendo alguma urgencia,
Os ossos nus foi guardar.

Vêde, mortaes, neste exemplo,
Exemplo cheio de horror,
O que produz a alliança
De um perverso, d'um traidor.

Se os maos tiverdes por socios,
Eu fico que os imiteis,
E que lobos d'estas castas
Cedo ou tarde encontreis.

O LOBO E O MILHAFRE *

Inda o sangue de um cordeiro
Voraz lobo gotejava,
E num verde prado andando
Outro cordeiro buscava;

Quando ao ver veloz milhafre,
Que um passarinho agarrou,
O nosso bom moralista
Taes injurias fulminou:

* De Pimentel Maldonado.

— «Traidor, faminto milhafre,
Deixa em paz as avezinhas:
Para fartar-te, ó cruel,
Não bastam estas hervinhas?»

Taes olhos, tal consciencia,
Quasi todo o mundo tem;
Não vemos os nossos defeitos,
Mas os de outrem muito bem.

A PREGUIÇA

Quem não ouviu fallar na preguiça, esse singular animal das florestas americanas? A lentidão da sua marcha, causada pela conformação especial dos seus dedos, levou a dar-lhe esse nome e a tornal-o a imagem dos preguiçosos da especie humana, que, tendo os pés e as mãos bem conformadas, não podem merecer a desculpa que cabe áquelle animal de não se mover com facilidade e rapidez no chão.

A preguiça lembra todavia os macacos,

pelos seus costumes e seus habitos. Habita nas arvores, de que come as folhas e em que trepa com certa agilidade, emquanto no chão só caminha penosamente, obrigada pelas suas grandes unhas a firmar-se nos cotovellos, arrastando-se sobre o ventre.

Ha duas especies de preguiça: o *ai*, que tem tres dedos nos pés dianteiros, assim como nos traseiros, e o *unaco*, que só tem dois dedos nos pés dianteiros.

A VIDA HUMANA *

Oh como é lindo
O tenro arbusto
Na primavera!
Como parece
Que se está rindo,
Quando o balança
Zephyro brando;
Quando descança
Sobre os seus ramos

* Do poeta brasileiro D. J. G. Magalhães. Extracto.

O passarinho,
E modelando
Doces reclusos
Vae o ar vizinho
Harmonizando !

.....
.....

Mais eis que o adusto
Vento do norte,
Soprando forte,
Já o abala ;
O tenro arbusto
Neste tormento
Todo se dobra ;
A verde gala
Amarellece ;
E o duro vento,
Que em furia cresce,
Vae arrancando
Folha por folha,
E sobre a terra
Secas lançando
Té que despido
O deixa emfim.
O tempo assim

Nos vae roubando
Gratos prazeres
Da tenra idade,
Quantos amigos
A infancia tem ;
Até que vem
A puberdade
Com seus perigos ;
E desta sorte
Chega a velhice,
Tronco gelado,
Desamparado ;
Até que a morte,
Como um tufão,
Lança-o no chão.

O RASTO DE SANGUE *

É a hora do crepusculo,
Que viração tão grata !
Geme o riacho quérulo,
Nem um cantor na mata.

* Do poeta brasileiro Joaquim Serra. Não tendo á mão as obras d'este escriptor, não posso verificar se é perfeitamente exacta a lição dada.

Desce a ladeira ingreme
Um touro, de repente,
E vae nas frescas aguas
Fartar a sede ardente.

Os juncos tremem ; subito
Sôa medonho ronco,
E o jaguar precipite
Pula de trás de um tronco.

Debalde o touro curva-se,
Recua, dá um salto,
E o jaguar mais flacido
Sabe pular mais alto.

O touro parte célere
Soltando um grito horrendo !
Sobre elle a féra escanCHA-se,
Tambem lá vae correndo.

Vôam por esses páramos,
O touro em grandes brados ;
Soltar querem das orbitas
Os olhos inflammados.

Espuma, arqueja! a lingua
Da boca vae pendente!
Garras e dentes crava-lhe
A féra impaciente.

Largo rastilho rubido
Embebe-se na areia,
O sangue jorra calido
Da lacerada veia.

Contrahe-se a forte victima
Luctando com braveza!
Porém o algoz impavido
Lá vae... não deixa a presa!

Correram mais! que insania!
Que scena pavorosa,
Passada no silencio
Da selva escura, umbrosa.

Emfim num precipicio
Os dois vão baquear...
Cahiram lá exanimés
O touro e o jaguar.

CANÇÃO DO EXILIO *

Minha terra tem palmeiras
Onde canta o sabiá ;
As aves que aqui gorgem
Não gorgem como lá.

Nosso céu tem mais estrellas,
Nossas varzeas tem mais flores,
Nossos bosques tem mais vida,
Nossa vida mais amores.

Em scismar, sózinho, á noite,
Mais prazer encontro eu lá ;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o sabiá.

Minha terra tem primores,
Que taes não encontro eu cá ;
Em scismar, sózinho, á noite,
Mais prazer encontro eu lá.
Minha terra tem palmeiras
Onde canta o sabiá.

* Do poeta brasileiro A. Gonçalves Dias. Escripita em Portugal (Coimbra).

Não permitta Deus que eu morra
Sem que eu volte para lá ;
Sem que disfructe os primores
Que não encontro por cá ;
Sem qu'inda aviste as palmeiras
Onde canta o sabiá.

A MANGUEIRA

Já viste cousa mais bella
Do que uma bella mangueira,
E a doce fructa amarella,
Sorrindo entre as flores d'ella,
E a leve copa altaneira ?
Já viste cousa mais bella
Do que uma bella mangueira ?

Nos seus alegres verdores
Se embalança o passarinho ;
Todo é graça, todo amores,
Decantando seus ardores

* De A. Gonçalves Dias. (Fragmento)

A' beira do casto ninho ;
Nos seus alegres verdores
Se embalança o passarinho !

O cançado viandante
A' sombra d'ella acha abrigo ;
Traz-lhe a aragem murmurante,
Que lhe passa no semblante,
Talvez o adeus d'um amigo ;
E o cançado viandante
A' sombra d'ella acha abrigo.

A sombra que ella derrama
Todas as dores acalma ;
Seja dor que o peito inflamma
Ou voraz, nociva chama
Que nos mora dentro d'alma,
A sombra que ella derrama
Todas as dores acalma.

O domingo *

Das grandes cathedraes nas altas torres
O sol oriental bate festivo,
Dourando as primorosãs esculpturas
E as fréchas atrevidas ; jubilosos,
Os sinos colossaes o espaço abalam,
Chamando o rico e o pobre, o fraco e o forte
Ao templo do Senhor. As officinas
Tornam-se mudas, mudas as roldanas,
A bigorna e a forja, a lima e a serra ;
Depõe a enxada o honrado jornaleiro ;
A menina do povo a agulha esquece ;
Esquece o proletario as dores intimas.
Deixam os lares, correm ás igrejas,
Aos publicos jardins, ás bellas praças,
A's risonhas campinas dos suburbios ;
Aqui, á fresca sombra das nogueiras,
Dançam ao som do rustico instrumento
Guapos mancebos, vivas raparigas ;
Alli, sentados sobre toscos bancos
A' porta da espaçosa hospedaria,
Os mais velhos praticam gravemente ;

* De L. N. Fagundes Varella.

Mais longe, alegre chusma de creanças
Retorcia-se na selva avelludada.
Tudo descança, folga e se diverte
No dia memoravel do domingo ;
Tudo, excepto o mesquinho encarcerado
Na fétida prisão ; o pobre enfermo
Sobre o leito de angustias e martyrrios ;
O esqualido avarento, fascinado
Pelo demonio do ouro ; e o ente impuro
Aleivoso, cruel, irmão da serpe,
Herdeiro de Caim, — socio de Judas !

FIM

OBSERVAÇÕES AOS SENHORES PROFESSORES

Será facil de ver quaes os principios que nos guiaram na organização d'este livrinho. O nosso fito principal foi ministrar á infancia leituras proprias para desenvolverem o senso moral e esthetico e o espirito d'observação, partindo da base concreta do conto, do apologo, da poesia simples, da descripção dos objectos naturaes, sem sahir jamais do circulo das relações em que vive e deve viver a creança no periodo de desenvolvimento physiologico e psychologico a que corresponde normalmente a escola primaria. O numero das representações, dos conhecimentos, das emoções deve ir augmentando successivamente e com elle o enriquecimento do vocabulario, mas sem sahir d'aquelle circulo. A primeira condição a preencher era banir das paginas destinadas á infancia tudo o que era puramente abstracto, propriamente scientifico, ou que por outros aspectos excedia o horisonte da vida infantil. Creio ter satisfeito a essa condição. É evidente, porém, que sem explicações previas, simultaneas ou posteriores, segundo os casos, os trechos escolhidos

não serão em parte immediatamente entendidos das creanças. O papel capital do professor consiste exactamente em dar essas explicações, que, sendo sobrias, claras, precisas, adequadas, vivificarão o ensino e o tornarão eminentemente proficuo.

Era minha intenção facilitar o trabalho dos senhores professores, terminando este volume com um glossario dos termos contidos nas paginas anteriores que mais carecem d'explicação. Motivos independentes da minha vontade obrigam-me a fundir esse glossario com o da 2.^a serie, que será em breve publicada, se for acolhida com favor esta primeira.

Poder-se-ha dirigir uma critica ao presente volume: é que a collecção não é assás brasileira. De facto são poucos os trechos d'auctores brasileiros nella incluídos; nas fabulas figuram muitos animaes extranhos á fauna brasileira; a syntaxe empregada afasta-se nalguns pontos da que é corrente no Brazil, a qual, como resultado da evolução da lingua portugueza no imperio americano, tem, ante os olhos do verdadeiro philologo, tanta significação como a da mãe patria. Com relação ao primeiro ponto, observarei que nos volumes seguintes d'esta collecção se achará amplamente representada a litteratura brasileira; com relação ao segundo, que a maior parte das creanças europeas que lê as fabulas do leão, não viu

este animal, a não ser em desenho, e que no Brazil muitos dos animaes da fauna indigena são tão desconhecidos á maior parte das creanças como os da fauna do velho mundo. É necessario, pois, que sejam dadas aos alumnos curtas noticias dos animaes que figuram nas fabulas, quando as não ha no proprio livro, e que se lhes mostre, sendo possivel, uma representação graphica d'elles, para o que é da maior vantagem ter na escola uma das numerosas collecções d'estampas destinadas ao ensino intuitivo e especialmente ao da historia natural. Com relação ao ultimo reparo, que eu proprio faço acima a este volume, limitar-me-hei a dizer que era natural que um auctor portuguez empregasse a sua syntaxe habitual, embora escrevendo para escriptores brasileiros, e com tanto menos hesitação quanto é certo que no Brazil está oficialmente adoptada a leitura de escriptores portuguezes.

Esteve na minha primeira traça empregar uma orthographia simplificada; hesitei todavia diante do uso que ia ser perturbado; d'esse facto, da distancia do logar da impressão, da divergencia que existe sempre entre compositor, revisor e auctor resultaram algumas pequenas contradicções orthographicas que espero me serão relevadas.

INDICE

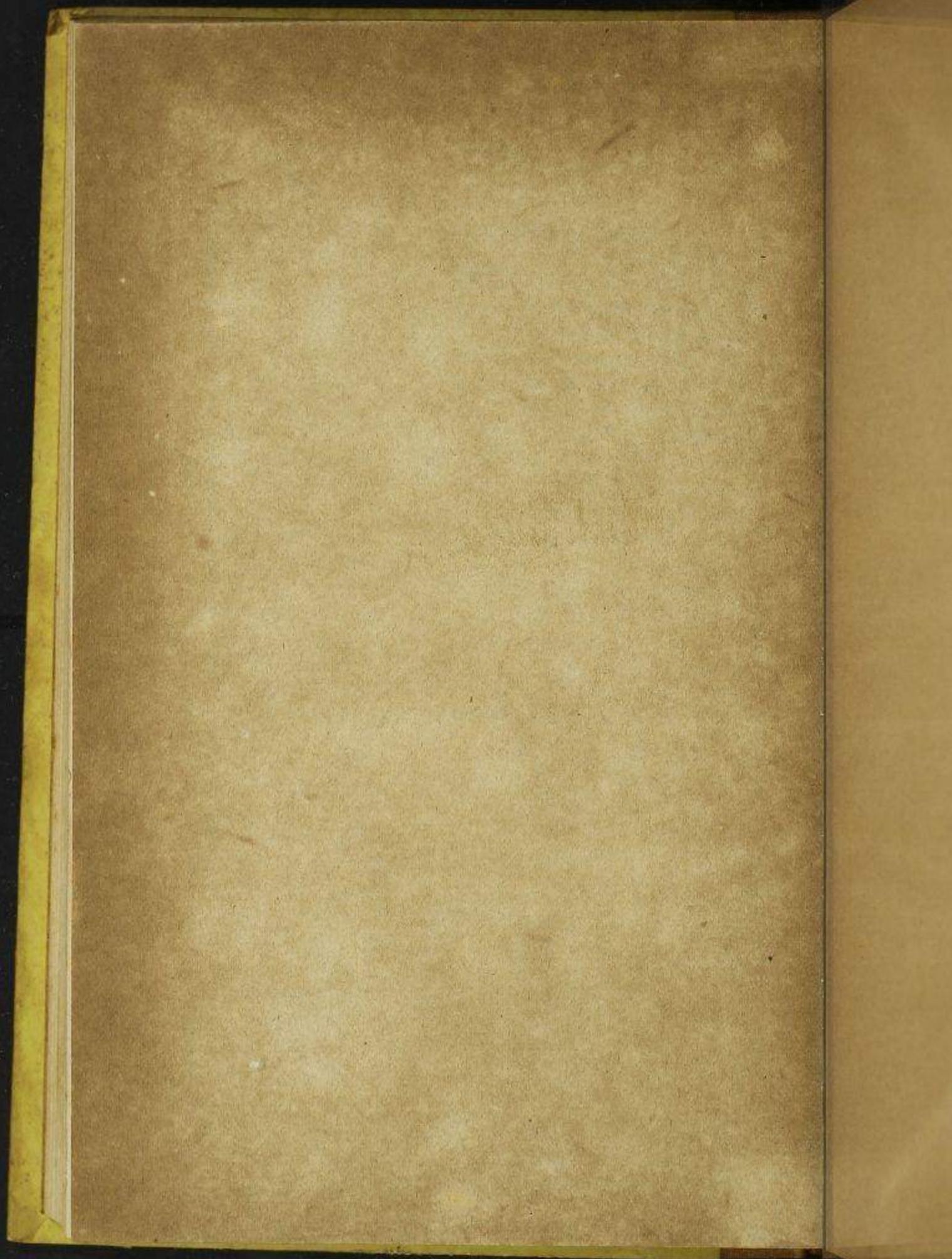
	PAG.
Advertencia	3

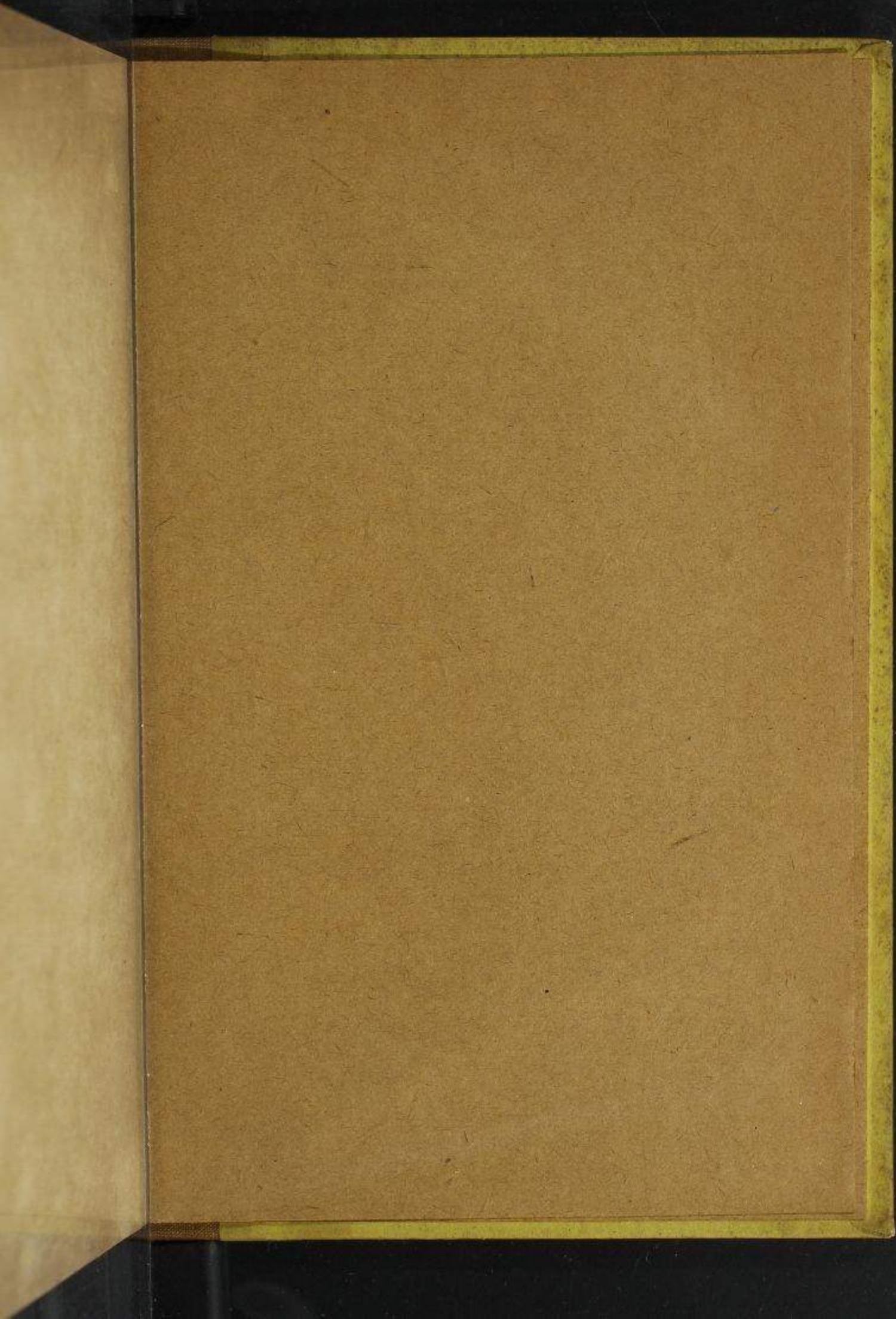
LEITURAS ESCOLARES BRAZILEIRAS

O que aprendem alguns animaes (rimas)	5
O macaco imprudente (conto).	6
Rimas infantis	7
O jogo do arco	8
A ovelha e o lobo (rimas)	9
A rã (descripção)	10
As rãs cantoras (fabula)	13
A rã e o boi (fabula)	14
O velho avô e o neto (conto)	15
O papagaio (descripção)	18
O jogo do papagaio	21
O papagaio e a pega (fabula)	23
O homem descalço (conto)	26
O avestruz (descripção)	28
O avestruz (fabula).	30
O cavallo roubado (conto)	31
O burro com o leão (fabula)	33
A cabra cega (jogo).	34
O menino envergonhado (conto)	36
O velho, o rapaz e o burro (conto em verso)	37

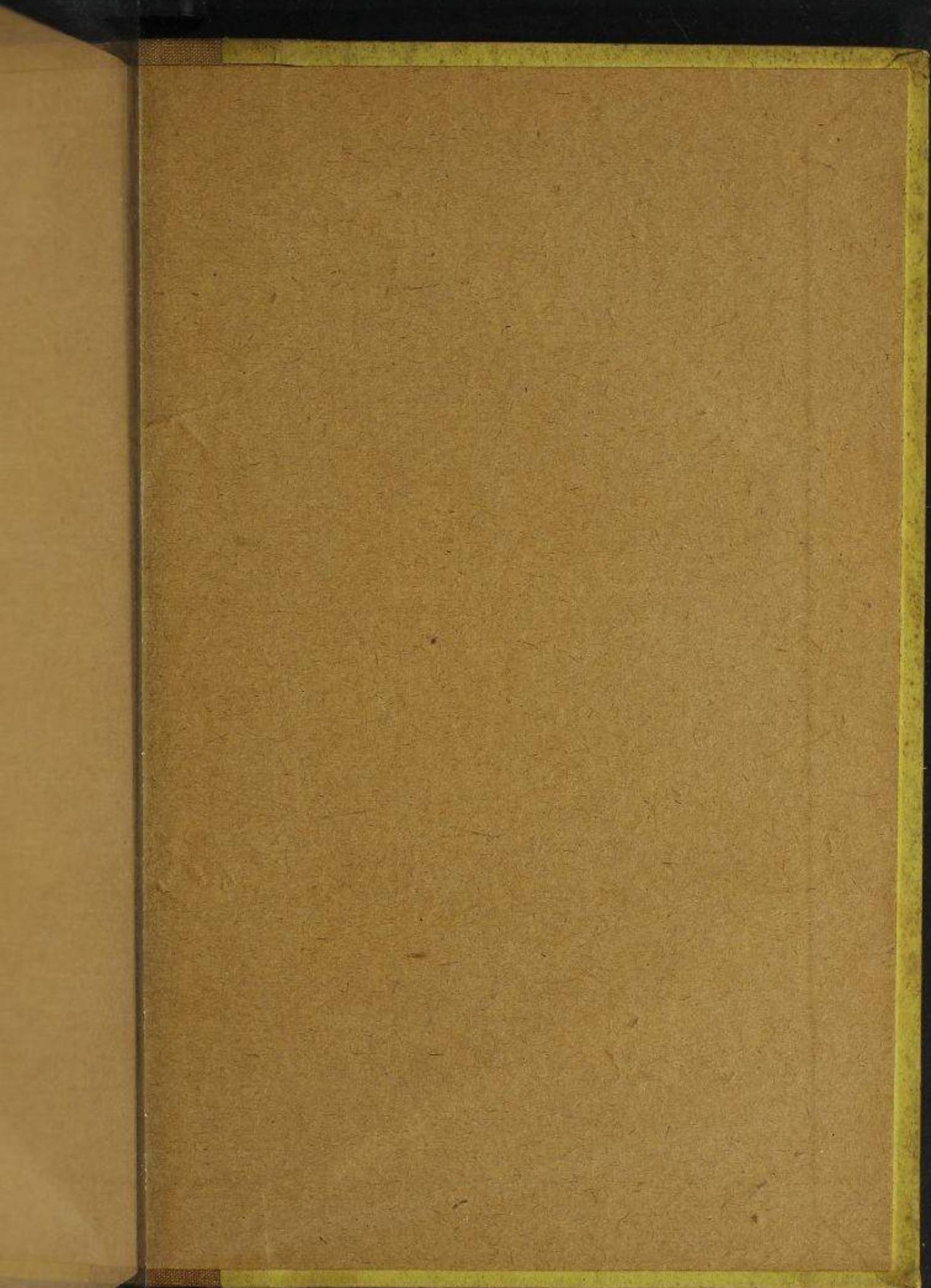
	PAG.
O peru (descrição)	42
Os peixes caros (conto)	45
O pavão, os perus e o gato (fabula)	47
As espigas de trigo (conto)	49
A aranha (descrição)	50
A aranha e a andorinha (fabula)	52
Dictados	54
A funda (jogo)	55
Os cães domesticos e o cão montanhez (fabula)	57
O cão fiel (conto)	60
O cavallo e o toiro (fabula)	62
O pardal e os canarios (fabula)	63
O menino amante da verdade (conto)	64
A tartaruga (descrição)	66
O Jabuti e o gigante (conto tupi)	69
As aves de canto (conto)	71
O leão e o rato (fabula)	73
A vibora (descrição)	75
O homem e a serpente (fabula)	78
O cravo da ferradura (conto)	79
Dictado	81
O macaco (fabula)	81
As partes do corpo humano (apologo)	83
Dictados	84
A andorinha (descrição)	85
O maribondo e a abelha (fabula)	90
O cofre maravilhoso (conto)	92
O velho e seus filhos (apologo)	94
O lobo (descrição)	96
O jogo da péla	100
A cigarra e a formiga (fabula)	102
A riqueza (conto)	104
O indio escrupuloso (conto)	106
O tigre e a doninha (fabula)	107

	PAG.
A lebre e o coelho (descripção)	110
A lebre (fabula)	114
O cysne e os dois gansos (fabula)	115
De vagar se vae ao longe (conto)	117
O lama (descripção)	119
A abelhinha (fabula)	121
A hervinha milagrosa (conto)	123
O tamanduá (descripção).	124
O tamanduá (fabula)	127
Os grãos de trigo e os grãos d'oiro.	129
As cotovias (apologo)	132
O lobo e a ovelha (fabula)	133
O lobo e o milhafre (fabula)	137
A preguiça (descripção)	138
A vida humana (poesia)	139
O rasto de sangue (poesia)	141
Canção do exilio (poesia).	144
A mangueira (poesia)	145
O domingo (poesia).	147
Observação aos senhores professores	149





23517



GRANDE LIVRARIA PAULISTA

DE

TEIXEIRA & IRMÃO

65 — RUA DE S. BENTO — 65

S. PAULO

Leituras Escolares Brasileiras

COLLIGIDAS POR

F. ADOLPHO COELHO

PRIMEIRA SERIE — *Trechos variados*

SÉGUNDA SERIE — *Novos trechos variados*

TERCEIRA SERIE — *Trechos instructivos*

QUARTA SERIE — *Selecta d'escriptores portuguezes
e brasileiros*

*Novo methodo para o estudo elementar da
lingua franceza, baseada sobre a intuição e a
inducção.*